

## Por uma fonética arábigo-portuguesa

0. Introdução
1. Acento
2. Vocalismo
3. Consonantismo
4. Mudanças condicionadas e metaplasmos
5. Conclusão

0. Introdução.<sup>1</sup> O estudo da evolução fonética dos arabismos das línguas românicas é de sumo interesse, uma vez que permite averiguar os trajectos das adopções, confrontar as evoluções dos arabismos nos diversos idiomas - ou mesmo as dos arabismos e outras adopções -, verificar etimologias, etc.; também é interessante para a história da língua, por exemplo para a história dos dialectos arábigos do Andaluz.

A obra fundamental para a fonética dos arabismos ibero-românicos é a *Contribución a la fonética del hispano-árabe...* de Arnald Steiger (1932); há algumas décadas possuímos também a gramática do árabe hispânico de Federico Corriente (1977). E enquanto a fonética dos arabismos espanhóis e catalães está bastante bem tratada,<sup>2</sup> não existe ainda um estudo especial para o português.

"Na adopção de vocabulos estrangeiros que contêm phonemas com os quaes não esteja familiarizado o idioma recipiente, são esses sons exóticos, difficeis de imitar, trocados - insistimos neste ponto - por succedaneos que se supõem mais ou menos parecidos. Fazem-se taes modificações segundo processos regulares, que não variam de vocabulo para vocabulo, processos cujo estudo dá materia para um capitulo especial de philologia comparada." (Alí 1937: 297).

---

<sup>1</sup> Além das usuais, utilizamos as seguintes abreviaturas e símbolos: ant. = antigo, ár. = árabe, ár. cl. = árabe clássico, ár. hisp. = árabe hispânico, ár. magr. = árabe magrebino, ár. marr. = árabe marroquino, ár. vulg. = árabe vulgar, dial. = dialectal, var. = variante, C = consoante, V = vogal, # = fronteira de palavra, ' = acento, / / = transcrição fonológica, [ ] = transcrição fonética, < > = transcrição grafológica.

<sup>2</sup> V. p.ex. Grossmann 1969 para o espanhol, Kiesler 1992 para o catalão.

O objectivo do presente ensaio é descrever esses processos de modificações, estabelecendo, para cada fonema, as regras que determinam a substituição e, portanto, a adaptação das palavras arábicas ao sistema fonológico português. Com este fim analisámos 500 arabismos portugueses de provável transmissão directa.<sup>3</sup> Pela primeira vez tratamos também das vogais átonas assim como das mudanças condicionadas.

#### 1. Acento (Corriente 60-66, Steiger 69-100)<sup>4</sup>

Regra geral, a posição do acento é a mesma nos arabismos portugueses que nos respectivos étimos arábicos. Ocorrem, porém, casos de deslocação do acento, para os quais podemos distinguir duas fases: uma dentro do árabe hispânico e outra na passagem das palavras árabes para o português.

1.1. A acentuação do ár. dialectal hisp. está tratada amplamente nas obras citadas de Corriente e Steiger, de maneira que aqui só mencionamos alguns dos casos mais importantes. Estes são os seguintes: (a) Nas palavras da forma /CVCVC/, o ár. hisp. acentua regularmente a última sílaba (Corriente 64): ár. cl. *sáfaṭ* > ár. hisp. *as-safáṭ* > *açafate*, ár. cl. *báras* > ár. hisp. *al-barás* > *alvaraz*. (b) Palavras da forma /CVCCVC(a)/ podiam acentuar-se, no ár. hisp., quer na primeira, quer na segunda sílaba (Corriente 65, 79-81). Assim, ao lado de casos como *al-qántara* > *alcântara*, *al-márfaqa* > *almárfega*, temos ár. cl. *mítraqa* > ár. vulg. *maṭráqa* > *matraca* e ár. cl. *míḥrat(a)* > ár. hisp. *al-maḥráta* > ant. *almarada* [Figueiredo].<sup>5</sup> (c) Os adjectivos da forma /'af'al/ levam o acento, no ár. hisp., na última sílaba, os da forma

<sup>3</sup> Mais de 300 estão registados em Kiesler 1992a, os outros tirámos sobretudo das obras de Steiger 1932 e Dozy/Engelmann (= DE). - No presente artigo indicamos - entre colchetes - a fonte para todos os arabismos que não estão registados no DPE (isto não implica, naturalmente, a aceitação de todas as etimologias indicadas neste dicionário).

<sup>4</sup> E cf. Grossmann 1969: 51-53.

<sup>5</sup> Para *almarada* v. Corriente 1980: 125-126.

/fa'lá'/' na primeira (> /fá'la/):<sup>6</sup> ár. cl. 'áz'ar > ár. hisp. *al-'az'ár* > *alazão* e ár. cl. *zarqá'* > ár. hisp. *zárga* > *zarco*. (d) Nos monossílabos que terminam em duas consoantes (tipos /fá'1/, /fú'1/), o ár. vulg. muitas vezes intercala uma vogal anaptíctica, que pode chegar a levar o acento (> /fa'ál/, /fu'úl/ ou /fu'ál/), assim:<sup>7</sup> ár. cl. *ṭábl* > ár. hisp. *aṭ-ṭabál* > *atabale*, ár. cl. *qúṭn* > ár. hisp. *al-qutún* > *algodão*.

1.2. A deslocação do acento na passagem das palavras árabes para o português ocorre regularmente em dois casos, nos verbos e nos termos híbridos. (a) Todos os verbos adoptados do árabe se integram na primeira conjugação e seguem a mesma acentuação que os outros verbos. Assim temos ár. hisp. 'atšákka > *achacar*, šiḡál > *açacalar*, ḡálaqa > *afagar*. (b) Nas palavras híbridas o sufixo recebe o acento: *al-ḡáyb* + *-eira* > *algibeira*,<sup>8</sup> *ráḡḡa* + *-ada* > *rajada*. E da mesma maneira *aḍ-dakí* + *pera* > *atequipera* [Figueiredo].<sup>9</sup> (c) Além destes casos, há ainda algumas excepções que não estão bem explicadas: *šakíma* (ou \*šákima?) > *xáquema* (ant. *xaquima*, etc.),<sup>10</sup> *ṭabbáqa* > *távega*;<sup>11</sup> em *almuinha* < ár. *al-múnya* a deslocação do acento deve-se à influência do sufixo diminutivo. *Curcuma* < ár. *kúrkum(a)* talvez possa explicar-se por um ár. vulg. \**kurkúma* conforme 1.1.(b). Para *algerife*, além do artigo correspondente no DELP, v. a discussão no DCEC, s.v. *aljarfa* e Corriente 1980: 125; para *alqueive*, v. agora Hilty 1983.

<sup>6</sup> Steiger 97-99 e 85. - Estes adjectivos da forma /'af'al/ (para o masculino) e /fa'lá'/' (para o feminino) são aqueles que designam cores e defeitos físicos; /'af'al/ é também a forma do comparativo (Asín Palacios 1959: 41, Corriente 1986: 17).

<sup>7</sup> Corriente 64, 72, Steiger 89-91.

<sup>8</sup> V. Corriente 1980: 124-125.

<sup>9</sup> V. n. 93.

<sup>10</sup> V. DCEC, s.v. *jáquima*; o vocábulo não está registado no DELP.

<sup>11</sup> Cf. DCEC, s.v. *tabaco*.

## 2. Vocalismo

### 2.1. Vogais tónicas

O árabe clássico distingue as vogais longas das breves, isto é, a quantidade vocálica tem função fonológica, assim p.ex. ár. cl. *ǧamal* 'camelo' : *ǧamāl* 'beleza', *kataba* 'escrever' : *kātaba* 'corresponder-se'.<sup>12</sup> Esta distinção foi abandonada no árabe hispânico, o qual, portanto, só conhece três fonemas vocálicos: /a/, /i/, /u/, que se podem representar no clássico triângulo, assim:<sup>13</sup>

	anterior	central	posterior
altas	/i/		/u/

baixa	/a/
-------	-----

O português antigo possuía sete fonemas vocálicos, dos quais cinco (/i, e, a, o, u/) apareciam também nasalizados.<sup>14</sup>

	anteriores	central	posteriores
altas	/i/		/u/
médias	/ẽ/		/õ/
	/ē/		/ō/
baixa	/a/		

Este sistema reduzia-se a cinco fonemas "em posição átona não final" (/i, e, a, o, u/) e a três em posição átona final (/e, a, o/).<sup>15</sup> Veremos agora como as vogais tónicas arábicas foram adaptadas ao sistema português.

#### 2.1.1. A vogal baixa /a/ (Corriente 22-26, Steiger 304-332)

(a) A vogal central, baixa, tónica, mantém-se regularmente na vizinhança (no árabe) das consoantes enfáticas ou velarizadas (/ṭ, ḍ, ṣ, ḏ/), das uvulares e faríngeas (/q, ḥ, ǧ, ḫ, ʕ/), da oclusiva laríngea /ʔ/, da líquida /r/ e, às vezes,

<sup>12</sup> Corriente 1986: 4, Grossmann 1969: 53.

<sup>13</sup> Se aqui indicamos a quantidade das vogais nos étimos dos arabismos é somente para facilitar a relação com as correspondentes formas do árabe clássico, nos casos de divergência entre estas e aqueles.

<sup>14</sup> Teyssier 1982: 28.

<sup>15</sup> Teyssier 1982: 25.

por causa de reflexos velarizados de /h/ e /l/.<sup>16</sup> Assim temos /á/ > /á/: *ṭássa* > *taça*, ár. hisp. *ar-rabáḍ* > *arrabalde*, ár. vulg. *al-fáṣfaṣa* > *alfafa*, *qāfila* > *cáfila*, *al-ḥáss* > *alface*, *az-zaḡāya* > *azagaia*, *al-ḥamma* > *alfama*, *al-ḡá'ba* > *aljava*, *al-mu'áddin* > *almuadem*, *ad-dárb* > *adarve* e *šāh* > *xaque*, ár. vulg. *law šā lḷāh* > *oxalá*.<sup>17</sup>

Noutros contornos o /a/ sofre normalmente a influência da *imāla* (v. 2.1.1.(b)). Não obstante, aparecem bastantes palavras que conservam o /a/ tónico, apesar de este não se encontrar num contorno velarizado:<sup>18</sup> *lákk* > *laca*, ár. vulg. *mušamma'* > *moxama*, *al-muḡábbana* > *almojávena*, ár. magr. *lámt* > *anta*, *al-qabāla* > *alcavala*, *al-ḡannām* > ant. *algame* [Steiger 87, 176]. Nalguns casos, pelo menos, este fenómeno pode explicar-se pela data antiga da importação das palavras ou por adopção por via culta.<sup>19</sup>

A sequência /-án/ em posição final é regularmente representada por -ão em português, isto é, /-án#/ > -ão (cf. ainda 3.1.20): ár. hisp. *al-bardān* > *albardão* 'trapalhão', *az-za'farān* > *açafrão*, *ṭufān* > *tufão*.

(b) A *imāla* é a palatalização espontânea, especialmente de /a/ originário longo, mas também do breve, que se realizam como [e] (*imāla* de primeiro grau) ou [i] (*imāla* de segundo grau).<sup>20</sup> Para exemplificar os três graus da vogal /a/

<sup>16</sup> Para as consoantes v. infra. - Cf. Corriente 22 n. 3: "This *imāla*-inhibiting contour, called *tafxīm*, determined allophones of /a/ in the range of [ʌ] and [ɔ] and was caused not only by consonants inherently velar, velarized or pharyngeo-laryngeal (/d/, /t/, /s/, /z/, /q/, /x/ [= ḥ], /ḡ/, /'/, /h/ and /ʔ/); but also by occasionally velarized reflexes of /r/ and /l/, by /h/ and /p/, and, as we shall see, even by /w/."

<sup>17</sup> O [l] é o /l/ velarizado; v. para este vocábulo Corriente 1980: 145.

<sup>18</sup> Cf. Corriente 22-23 n. 3 ("There are still plenty of cases where *imāla* has been inhibited without a visible reason [...].") e 28.

<sup>19</sup> Cf. DCEC, s.vv. *alcabala*, *azar*, *laca*.

<sup>20</sup> Para a *imāla* v. Corriente 22-25 e Steiger 62-64, 314-332.

pode servir a palavra ár. *ḥattā*: temos *atá* [Figueiredo] no port. ant., *até* no port. mod. e *ḥattí* (PAlc. 277) no ár. granadino. Ora bem: Nos arabismos portugueses aparecem muitos reflexos da *imāla* de primeiro grau, mas relativamente poucos da de segundo grau.<sup>21</sup> Nas palavras com *imāla* de primeiro grau as resultantes têm /e/ ou /ɛ/ no português: *al-ḥaġġām* > [al-ḥaġġém] > *alfageme*, *ad-dallāl* > *adelo*, ár. vulg. *baranġāla* > *beringela*; *ġahāz* > [ġahéz] > *jaez*, *al-ġāmi'a* > *algema*, *hábra* > *febra*.

Em alguns casos ocorre a *imāla* mesmo num contexto que normalmente a impede, p.ex. *as-sāqiya* > *acéquia* e *al-fāris* > *alferes*, ár. vulg. *al-ḥarām* > ant. *alfarema* [Steiger 256], ár. magr. *al-muḥrāz* > *almofrez* [Aurélio] em contacto com /r/. Em *alquilé* < ár. *al-kirā'* e ant. *alquicé* [Figueiredo] < ár. *al-kisā'*, o *hamza* final /' / já deve ter caído no ár. vulg. (cf. 3.1.6 e Corriente 22 /al-kisá/). Finalmente há algumas palavras que revelam uma evolução /á/ > *ei* não bem explicada: *al-mafrāš* > *almofreixe*, *ḥuṭṭāf* > ant. *coteife* [Steiger 228] e *fattāša* > *fateixa*.<sup>22</sup>

No corpus aparecem seis arabismos que reflectem a *imāla* de segundo grau: *ġilġilān* > [ġilġilín] > *gergelim*, *al-mihrās* > *almofariz*, *ar-rabāb* > *arrabil*, *az-zakā(t)* > ant. *azaqui* [Steiger 332], ár. hisp. *az-zabāġ* > *azeviche* e ár. vulg. *manġāl* > *manchil*.

(c) Sob influência de velarização - determinada pelas consoantes velarizadas, uvulares e faríngeas assim como pelos grupos *ra*, *ru* e *wa*, *wu*<sup>23</sup> - e labialização - determinada pelas consoantes labiais - aparecem alofones do /a/ dos tipos [α] e [q], que foram identificados com as vogais /o/, /q/ românicas (Corriente 25).<sup>24</sup> Entre os arabismos estudados

<sup>21</sup> Embora mais do que no catalão, v. Kiesler 1992: 1.1.2.

<sup>22</sup> V. Steiger 115, 200, 228 e 328 e cf. DE 26. - Tratar-se-á de uma ditongação secundária?

<sup>23</sup> V. 2.1.1.(a) e n. 16, Steiger 305.

<sup>24</sup> Para /á/ > /o/ v. Lopes 1905: 258-261, Steiger 311 e Corriente 25-26.

aparecem os seguintes com /á/ > /o, o/: *al-baṭāsa* > ant. *al-betoça* [Steiger 311], *šarāb* > *xarope*,<sup>25</sup> *šahrāwī* > *saloio*,<sup>26</sup> ár. vulg. *sarāwil* > *ceroulas*, *al-qawwād* > *alcaiote*, *mağárra* > *manjorra*,<sup>27</sup> *al-ğáras* > *aljorce*. Segundo Steiger 311 n. 1 "puede asegurarse que estos casos de á > o resultan bastante escasos." Compare-se, porém, o que diz Corriente 25 n. 10:

"This phenomenon [sc. a > o] seems to be reported more often in Portugal [...]. In other instances like P[ortuguese] *zoina* 'harlot' < /záníya/, *odia* 'gift' < /hadiyya/, *Odiana* < /Wádi Ána/, *cenoura* 'carrot' < /is-fannariyya/ [...], the backing and rounding of /a/ seems spontaneous and reminds us of dialects like Uzbeki Arabic where OA [Old Arabic] /ā/ has become /ō/, except in fronting contours."

Todavía convém notar que em *odia* e *Odiana* o /o/ não é tónico (cf. 2.2.1.(a)). Além disso, *odia* (ou *odiá*) provavelmente vem do malaio.<sup>28</sup> Para *cenoura* e *zoina*, v. 4.3.(a).

2.1.2. A vogal alta, anterior /i/ (Corriente 27-28, Steiger 332-346)

No árabe hispânico, o fonema /i/ tinha várias variantes posicionais. Além de [i], realizava-se como [e] ou até como [ʌ] em contornos velares, velarizados ou faríngeos. No centro silábico de sílaba fechada o /i/ pronunciava-se mais aberto [i̠] (Corriente 27). Nos arabismos aparecem, portanto, /i/, /e/ e /e̠/.

/i/ > /i/: ár. vulg. *turbíd* > *turbito* [Figueiredo], ár. vulg. *al-mušrif* > *almoxarife*, ár. hisp. *šifra* > *chifra*, *al-madína* > *almedina*, *qandíl* > *candil*, *qadím* > *cadimo*. Na vizinhança de consoantes velarizadas, uvulares e faríngeas temos regularmente /i/ > [e] > port. /e/ ou /e̠/: *šarīṭa* > *xareta*, *aš-šaḳīqa* > *enxaqueça*, *al-zarnīḥ* > ant. *arzenefe* [Figueiredo]; *raḥīṣ* > *refeça*, *ṭabīḥ* > *tabefe*, *ṭarīḥa* >

<sup>25</sup> Frente a *xarau*, "recebido na Índia" DELP, s.v. *xarope*.

<sup>26</sup> Mas *çalaio* no port. ant.: Lopes 1917: 880-883, Steiger 311.

<sup>27</sup> Frente à divergente *almanjarra* < ár. *al-mağárra*, com /á/ > /á/.

<sup>28</sup> V. DELP, s.v. *alfadia*, DCEC, s.v. *alfadía*.

*taręfa*. Em sílaba fechada a evolução é /i/ > [i] > port. /e/, /e/: *rízma* > *reşma*, ár. hisp. *aş-şibr* > *azebre*, *ad-dífla* > *adelfa*, *as-sílqa* > *acęlga*, *rikba* > *rećua*, \**as-sitl* > ant. *acéter* [Figueiredo].

A desinência -í dos adjectivos denominativos ou de relação<sup>29</sup> dá normalmente /i/ (para a eventual nasalização v. 4.4.(c)): *askarí* > *ascari* [Figueiredo], *baħrí* > *bafari*, *ğabalí* > *javali*. Do mesmo modo a forma feminina desta desinência -íya dá sempre -ia em português: *al-hadíya* > ant. *alfadia* [Steiger 270], *al-‘ağamíya* > *aljamia*, *al-‘arabíya* > *algaravia*. Por analogia também a desinência -iya, átona em ár. cl., deu -ia em português:<sup>30</sup> *al-má‘diya* > *almadia*, *al-‘itriya* > *aletria*, *táwşiya* > *tauxia*. Essa mesma tendência analógica deve ser responsável da pronúncia paroxítona de *alquimia* < ár. *al-kīmiyā*.

### 2.1.3. A vogal alta, posterior /u/ (Corriente 28-29, Steiger 346-358)

O fonema /u/ tinha duas variantes principais no ár. hisp., a saber, [u] e [o]. A variante [o] ocorre na vizinhança de consoantes velarizadas, uvulares e faríngeas. Além disso, pronunciava-se o /u/ mais aberto [u] no centro silábico de sílaba fechada. Portanto temos nos arabismos portugueses /u/, /o/ e /o/.

/u/ > port. /u/: *al-ğúbb* > *aljube*, *al-ğúbba* > *aljuba*, *as-súkkar* > *açúcar*, *at-tābūt* > *ataúde*, *al-‘ūd* > *alaúde*, *mamlūk* > *mameluco*. Em contacto com consoante velarizada, uvular ou faríngea: /u/ > [o] > port. /o/, /o/: *rađūma* > *redoma*, *şalūq* > *xaroco*, *aṭ-ṭāhūna* > *atafona*; *ballūṭa* > *bolota*, *al-ğúlla* > *argola*, ár. vulg. *al-kuḥúl* > ant. *alcofor* [Steiger 263]. Em sílaba fechada /u/ > [u] > /o/, /o/: *al-búnduqa* > *almôndega*, *al-burnūs* > *albornoz*, *turmūs* > *tremoço*.

<sup>29</sup> Da chamada *nisba*, v. Asín Palacios 1959: 42-43, Corriente 95.

<sup>30</sup> Cf. Grossmann 1969: 53, Steiger 73 n. 2.



Em contacto com a vibrante /r/, o /u/ árabe é sempre representado por /o/ ou /ọ/ nos arabismos portugueses. (a) -rú-, -rú-: *ar-rúzz* > *arroz*, *ar-rúbb* > *arrobe*, *al-burúz* > *alvorçoço*, ár. vulg. *mabrúma* > *maroma*; (b) -úr-, -úr-: *al-qúrša* > *alçoça*, *al-húrġ* > *alçoço*, *nā'úra* > *noça*, *ṭanbúr* > *tamboç*.

Como acontece com -án (2.1.1), a sequência /-ún/ em posição final dá -ão em português: *laymún* > *limão*, *zarqún* > *zarcão*, ár. hisp. *al-quṭún* > *algodão*, ár. vulg. *ar-rukún* > *Lisboa arrincão* [Figueiredo].

2.1.4. Os ditongos áy, áw (Corriente 29-31, Steiger 359-373) O ár. hisp. é muito conservador no tratamento dos ditongos, embora não faltem exemplos de monotongação (Corriente 29). Nos arabismos portugueses corresponde normalmente ei ao ditongo árabe áy:<sup>31</sup> *al-quṣáyfa* > ant. *alçoceifa* [Figueiredo], *al-káyf* > *alçoceira*, ár. hisp. *al-máyda* > *almeida*, *ṣáyfa* > *ceifa*.

Por isso devemos atribuir os casos de áy > /e, e/ ao ár. vulg. (ou, talvez, a tendências dialectais, se não à mediação de uma terceira língua):<sup>32</sup> *al-hurráyqa* > *alçoçoço*, *az-zuláyġ* > *alçoçoço*, ár. hisp. *šuwáy* > *chúe*, *šáyḥ* > *xeque* 'chefe de cabilda ou tribo árabe'.

Nos ditongos secundários,<sup>33</sup> isto é, aqueles que resultaram da queda dum *hamza* (cf. 3.1.6), temos em português dois casos de -ei- frente a três de -ai-: *aṣ-ṣá'ifa* > *alçoceira* [DELP, s.v. *ceifa*], *raġá'if* > *alçoceira*, mas *ar-rá'is* > *arrais*, *al-qá'id* > *alçoceira* e *ṭá'ifa* > *taifa*.

Quanto ao ditongo áw, aparece normalmente como -ou- em português (com a monotongação regular ou > o): *as-sáwṭ* > *alçoçoço*, ár. hisp. *az-záwq* > *alçoçoço*, *al-qáws* > *alçoçoço*. Só em *aljôfar* < *al-ġáwhar* a redução ocorre muito cedo.

<sup>31</sup> Somente uma vez ocorre áy > ai: *al-ġufáyna* > *aljofaina*.

<sup>32</sup> Esta última possibilidade pode excluir-se, naturalmente, para palavras como *chúe* que só existem em português.

<sup>33</sup> V. Corriente 31, Steiger 373.

## 2.2. Vogais átonas

As vogais átonas eram sempre breves no árabe hispânico; as vogais originariamente longas foram reduzidas em posição átona (Corriente 62).

### 2.2.1. A vogal baixa /a/

(a) A vogal átona mais frequente é o /a/. Em posição pretónica aparece em 426 casos; este número explica-se pela frequência da aglutinação do artigo árabe *al-*.<sup>34</sup> Ora este /a/ pretónico mantém-se, nos arabismos portugueses, na absoluta maioria dos casos, precisamente em 354 vocábulos. No português este /a/ mais tarde foi fechado para /ä/.<sup>35</sup>

O /a/ do artigo árabe *'al-* mantém-se quase sempre, com a única excepção no grupo *aš-š-*. Este grupo é normalmente representado nos arabismos por /ěš-/ - graficamente <enx-> -, embora haja alguns casos com /aš-/ - graficamente <ax->. O primeiro tipo, *enx-*, alterna às vezes com um simples *x-*. Assim temos<sup>36</sup>

<i>aš-šitrānġ</i>	>	enxadrez	ao lado de	xadrez
<i>aš-šarīta</i>	>	enxareta		xareta
<i>aš-šarāb</i>	>	enxarope		xarope
<i>aš-šabbāk</i>	>	enxabeque <sup>37</sup>		xaveco
<i>aš-šábaka</i>	>	enxávega		xávega

E por outro lado: *aš-šákā* > *achaque*, ár. vulg. \**aš-šimās* > *aximez* e ár. hisp. *aš-šúrka* > (*a*)*xorca*.

O /a/ pretónico árabe é representado por /e/ - que no século XVIII torna-se /ě/<sup>38</sup> - em 48 casos. Isto acontece, além do caso mencionado, nos grupos *re-* - certamente por influência do prefixo -, *be-*, *ce-* e em alguns casos mais, mas muitas vezes em alternância com outros tipos vocálicos: ár.

<sup>34</sup> Cf. 4.1.(a) e n. 153. Para o artigo no ár. hisp. /#*'al-*/ v. Corriente 85.

<sup>35</sup> V. Teyssier 1982: 42.

<sup>36</sup> As formas em *enx-* estão registados no DELP, s.vv. *xadrez*, *xareta*, *xarope*, *xaveco*, *xávega*.

<sup>37</sup> Cf. *enxabeque* em Aurélio, s.v.

<sup>38</sup> Teyssier 1982: 62.

hisp. *rahán* > *refém*,<sup>39</sup> *raṣīf* > *recife*,<sup>40</sup> *raḥīṣ* > *refece*;<sup>41</sup> ár. vulg. *badán* > *bedém*, *badawī* > *beduim*, ár. vulg. *balansīya* > *melancia*, ao lado do ant. e bras. *balancia* [Aurélio]; *sabtī* > *ceitil*, ár. vulg. *sarāwil* > *ceroulas*, ár. vulg. *sannāriya* > *cenoira*.

Na segunda ou terceira sílaba: *barrakán* > *barregana*,<sup>42</sup> *al-manāra* > *almenara*, ár. hisp. *al-pargāt* > *alpercata*,<sup>43</sup> *az-zammāl* > *azemel*, *al-madīna* > *almedina*, *ḡadāmasī* > *guadameci*.

Sete vezes ocorre a substituição do /a/ pretónico por /i/, para a qual é preciso ter em conta a possibilidade de uma ultracorreção no ár. hisp.:<sup>44</sup> ár. hisp. *al-ḡabbāb* > *al-gibebe*, ár. vulg. *baranḡāla* > *beringela*; em *alifafe* 'tumor nas articulações das patas das cavalgadas' < ár. vulg. *an-nafāḥ* houve influência do homónimo *alifafe* 'cobertor' < ár. *al-liḥāf*, em *alquitira* < ár. vulg. *al-kaṭīrā* houve harmonização vocálica.<sup>45</sup>

Finalmente, em seis vocábulos o /a/ pretónico é substituído por /o/ (> [u]):<sup>46</sup> *al-maḡālla* > ant. *almofala* [Steiger 263], *al-maḡābir* > ant. *almocábar*, *al-mafrāš* > *almofreixe*.<sup>47</sup> Nos casos de *-mo-* por *-ma-* esta substituição pode basear-se na influência dos numerosos vocábulos em *almo-* (v. 2.2.3.(a) e n. 61) ou na frequente confusão dos prefixos arábicos *ma-*, *mi-* e *mu-* no ár. hisp.<sup>48</sup> Em *ballūṭa* > [bollóta] (PAlc. 115b) > *bolota* houve harmonização vocálica já no ár. hisp. (Corriente 69). Para *rodoma* [Steiger 163]<sup>49</sup> < ár. *raḍūma* e *ro-*

<sup>39</sup> Var. ant. *arrafém* e *arrefém*: DELP, s.v. *refém*.

<sup>40</sup> Var. ant. *arrecife*, *arracefe*: DELP, s.v. *recife*.

<sup>41</sup> Var. ant. *rafez*, *arrefece* e outros: DELP, s.v. *refece*, Wagner 1934a: 30.

<sup>42</sup> Mas ant. *barragam*: Steiger 207.

<sup>43</sup> Com as var. *alparcata*, *alpargata* e *alpergata*: DPE.

<sup>44</sup> V. Corriente 25; também pode tratar-se de dissimilação no português, v. 4.2.(a).

<sup>45</sup> V. Corriente 69 e Steiger 340 (var. port. *alcatira*).

<sup>46</sup> Para a passagem [o] > [u] em posição átona (séc. XVIII), v. Teyssier 1982: 56-63.

<sup>47</sup> Mas ant. *almofreixe*: Steiger 200, 328.

<sup>48</sup> Para a qual v. Corriente 26, 69, 78-79.

<sup>49</sup> Steiger 162, 354: ao lado de *redoma*.

*salgar*<sup>50</sup> < ár. *rahğ al-ğār* cf. *Roçalgate* (Steiger 330) < /rás al-ğádd/ 'cape of the limit', espanhol *Rozalén* < /rás al-‘áyn/ 'water spring' (Corriente 25 n. 10) e outros exemplos de ra- > ro- em DCEC, s.v. *roncero*.

(b) O /a/ postónico ocorre em 81 vocábulos e mantém-se em 67. A substituição de /a/ por /e/ dá-se somente em dois contextos: na penúltima sílaba das proparoxítonas e na última das paroxítonas quando há metátese. 1. No primeiro caso há às vezes alternância entre -a- e -e-, como em *almártega* ao lado de *almártaga* < ár. *al-mártak*. Outras vezes ocorre só -a-, ou então só a forma com -e-: *al-qánṭara* > *alcântara*, *al-muqábala* > *almucábala*; *šábaka* > *xávega*, ár. marr. *al-fán-dağ* > *alfândega*, *al-márfaqa* > *almárfega*, *al-muğábbana* > *almojávena*, *an-náfaqa* > *anáfega*, *al-máṣṭakā* > *almécega*.

2. No segundo caso, a substituição /a/ > /e/ ocorre só quando há metátese dum grupo ‘CaC > ‘CCe:<sup>51</sup> *al-‘ánbar* > *alambre*, *al-máğfar* > ant. *almafre* [Figueiredo], *al-ğáras* > *aljorce*, ár. hisp. *ad-dár(h)am* > *adarme*. Se não há metátese, o /a/ postónico mantém-se: ‘ánbar > âmbar, *as-súkkar* > açúcar, ár. hisp. *aṣ-ṣúfar* > ant. *açôfar* [Figueiredo]. Em *al-ğáwhar* > *aljôfar*, *aljofre* temos as duas possibilidades. Finalmente, existe um caso isolado: ár. hisp. *al-ğánğal* > *alfange*, com queda do /-l/ final.

3. Em posição átona final absoluta, o /a/ mantém-se sempre:<sup>52</sup> *al-ğāra* > *algara*, *sāqa* > *saga* [DPE, s.v. *zaga*], *ṭarrāḥa* > *tarrafa*, *qāfila* > *cáfila*, *al-ğāliya* > *algália*, *kubāba* > *cubeba*.

<sup>50</sup> DPE: ao lado de *resalgar*.

<sup>51</sup> Cf. 4.3.(b).

<sup>52</sup> As pouquíssimas excepções como *al-ğúfra* > *alfobre* e *al-máğra* > *almagre*, *almagro* podem-se explicar pela analogia com as palavras frequentes em /‘CCe#/ como *alambre*, *aljorce*, *almafre* (v. supra, 2.), *cacifre*, *sumagre*, etc.

### 2.2.2. A vogal alta, anterior /i/

(a) O /i/ pretónico aparece conservado em 22 de 42 casos. Em posição inicial absoluta é substituído por /e/ ou desaparece (o *hamza* inicial cai regularmente, v. 3.1.6): ár. hisp. \**ispināḥ* > *espinafre*, ár. vulg. \**iskebēḡ* > *escabeche*, ár. hisp. *istawān* > *saguão*. O /i/ é conservado: *al-izār* > *alizar*, *al-ḡiḏār* > *alguidar*, *qinṭār* > *quintal*, *tinkār* > *tincal*, *al-kirā'* > *alquilé*.

A substituição /i/ > /e/ ocorre sobretudo em sílaba fechada, onde o /i/ era pronunciado mais aberto no ár. hisp. (v. 2.1.2): *miskīn* > *mesquinho*, *tillīs* > *teliz*, *sikkī* > *zequim* [Steiger 346], ár. hisp. *al-iklīl* > *alecrim*. Em *arribāt* > *arrebate*, *rebate* houve certamente influência do prefixo *re-*. Algumas vezes há alternância /i/ ~ /e/: *mitqāl* > ant. *metical* (DPE), *mitigal* [Steiger 124],<sup>53</sup> *ḡilḡilān* > *gergelim* (DPE) ao lado de *zirzelim* [Aurélio]. Para a substituição /i/ > /a/, que ocorre cinco vezes, é preciso ter em conta a possibilidade duma neutralização no ár. hisp. (v. Corriente 27), mas nalguns casos explica-se de outro modo. Assim temos ár. vulg. *ḡilāl* > *xarel* ao lado de *xairel*<sup>54</sup> e *šarīfī* > *xarafim*. Em *alcaçuz* < ár. *‘irq as-sūs* deve ter havido influência das numerosas palavras em *al-*. O caso de *açacalar* < ár. *ṣiqāl* explica-se por harmonização vocálica (v. Corriente 1980: 120). E *xadrez* tanto pode derivar de *šitrānḡ* como de *šatrānḡ*. Finalmente, *almofariz* < ár. *al-mihrás* é baseado na confusão entre os prefixos *ma-*, *mi-*, *mu-* no ár. hisp. (v. 2.2.1.(a)), enquanto que para *adua* < ár. *ad-dīwān* deve supor-se uma forma intermediária \**ad-duwān*.<sup>55</sup>

(b) Contrariamente ao que acontece no caso do /i/ pretónico, o /i/ postónico conserva-se poucas vezes. De 19 casos nos quais ocorre em posição interna, só uma vez é conservada como verdadeira vogal: *qāfila* > *cáfila*. Em contacto

<sup>53</sup> E outras var. em DELP, s.v. *metical*.

<sup>54</sup> Cf. Corriente 26 n. 12 e 28 para /i/ ~ /ay/ no ár. hisp.

<sup>55</sup> Steiger 1948: 40 n. 2, e cf. Corriente 28.

com a semivogal /y/, o /i/ postónico é consonantizado nos arabismos (o que acontece em seis vocábulos): *aṭ-ṭalāyi* > *atalaia*, *al-ġāliya* > *algália*, *as-sāqiya* > *acéquia*. A mesma consonantização ocorre em *zaino* < ár. *sāḥim*.<sup>56</sup> Em três palavras o /i/ postónico interno perde-se, num caso após ter palatalizado a nasal /n/: *as-sāniya* > *azinha*, *al-ġāmi'a* > *algema*, ár. vulg. *sarāwil* > *ceroulas*.

No grupo átono final -CiC# - onde nenhuma das duas consoantes é a semivogal /y/ -, o /i/ é substituído cinco vezes por /e/ e duas por /a/: ár. hisp. *al-mukáffir* > *almocafre*, *al-murákkib* > *almocreve*,<sup>57</sup> *bāṭil* > *de balde*, *al-mu'áddin* > *almuadem*, *al-fāris* > *alferes*, *al-maqābir* > ant. *almocábar*, *al-muġāwir* > *almogávar*. Finalmente, ocorre um caso com -mi- > -mo-, para o qual cf. 2.2.3.(a): *az-zāmila* > *azémola*.

Em posição final absoluta, o /i/ postónico aparece dez vezes e somente em dois arabismos é conservado: ár. vulg. *qāndi* > *cândi*, *qāḍī* > *cádi*. Em três palavras é consonantizado: ár. vulg. *bárrī* > *bairro*, *ṣaḥrāwī* > *salóio*,<sup>58</sup> *al-Fārābī* > *alfarrábio*. Duas vezes é substituído por /e/: *filāli* > *filele*, ár. vulg. \**ženēti* > *ginete*.<sup>59</sup> E em três casos é substituído por uma desinência mais corrente: ár. vulg. *támar hīndī* > *tamrindo*, ár. vulg. *ṣāḥri* > *sáfaro*,<sup>60</sup> ár. vulg. *al-Huwarízmi* > *algarismo*.

### 2.2.3. A vogal alta, posterior /u/

(a) O /u/ pretónico, na maioria dos casos, é representado por /o/ nos arabismos portugueses, precisamente em 37 de 63 vocábulos. Essa substituição /u/ > /o/ realiza-se sobretudo em contornos uvulares e faríngeos e, por outro lado, em contacto com as labiais. Assim *al-quṣáyfa* > ant. *alcoceifa* [Figueiredo], ár. vulg. *al-kuḥúl* > ant. *alcofor* [Steiger 263],

<sup>56</sup> Para *zaino*, v. Corriente 1980: 154.

<sup>57</sup> V. 4.3.(c).

<sup>58</sup> V. n. 26.

<sup>59</sup> V. 3.1.12.

<sup>60</sup> Para outros possíveis étimos de *sáfaro* v. García Gómez 1977: 404 e Kiesler 1992a n.º 277.

*al-qur'ân* > Alcorão. Em contacto com consoante labial: *al-burnús* > albornoz, *al-burúz* > alvoroço, *al-burúk* > alboroque. Mas é em contacto com /m/, e especialmente no grupo frequentíssimo (al-)mu-,<sup>61</sup> que o /u/ pretónico torna-se /o/ nos arabismos com muita regularidade:<sup>62</sup> *al-muğábbana* > almojávena, ár. vulg. *mušámma* > *moxama*, *muḥāṭara* > *mofatra*. No ant. *almoxatre* < ár. vulg. *al-nušátar* houve adaptação à forma mais corrente *almo-*.

Noutros contornos o /u/ pretónico conserva-se: *kubāba* > *cubeba*, ár. hisp. *as-sussāna* > *açucena*, *sulṭān* > *sultão*, *turkī* > *turqui*. Em duas palavras ocorre uma substituição /u/ > /a/, que talvez se deva a uma variação no ár. hisp.:<sup>63</sup> *al-ḥuzāmā* > *alfazema*, ár. hisp. *ḥabbat al-ḥulūwa* > ant. *batafaluga* [DELP, s.v.]. Finalmente, temos cinco casos excepcionais, a saber: *turmús* > *tremoço*, *al-zurúb* > *algeroz*, *turğumān* > *turgimão* e ár. vulg. *ar-rukún* > Lisboa arrincão [Figueiredo], que talvez se expliquem por dissimilação, e ár. vulg. *al-Ḥuwarízmi* > *algarismo*, onde o /u/ desaparece.

(b) O /u/ postónico aparece raríssimas vezes. O único exemplo que ocorre no corpus é *al-búnduqa* > *almôndega*, que, ao que parece, foi adaptado ao tipo das proparoxítonas terminadas em *-ega* (*alfândega*, *almárfega*, *almártega*, etc., cf.

<sup>61</sup> Esse grupo arábigo *mu-* é o prefixo de participios (*al-mu'áddin* > *almuadem* com *-mu-* excepcional, *al-muğáwir* > *almoğávar*, *al-múšrif* > ár. vulg. *al-mušrif* > *almoxarife*, *al-múhtasib* > ár. hisp. *al-muhtasáb* > *almotacé*) e de nomes de instrumento (em ár. cl. *mi-*, cf. 2.2.1.(a): *al-mihássa* > ár. hisp. *al-muhássa* > *almofaça*, *al-mihráz* > ár. magr. *al-muhráz* > *almofrez* [Auréliol], *al-miḥyāt* > ár. vulg. *\*al-muḥyāt* > *almofate*).

<sup>62</sup> As excepções que ocorrem no corpus são *almuadem* (v. n. anterior), *almucábala* < ár. *al-muqābala*, *muḍéjar* < ár. *mudáğğan* e *miralmuminim* < ár. *'amīr al-mu'minīn*.

<sup>63</sup> Cf. Corriente 28: "The allophones of /u/ in velar contours could sometimes penetrate the realm of /a/ [...]. Such cases seem to predominate in the Portuguese zone, the same area from which we get many cases of velarized /a/ and unmotivated inhibition of *imāla*."

2.2.1.(b)). Não há exemplos de /u/ postónica em posição final absoluta no corpus.

#### 2.2.4. Ditongos átonos

Os ditongos átonos só aparecem em posição pretónica. O *ay* pretónico ocorre em dez palavras; em cinco é conservado como -ai- e -ei-, nas outras cinco palavras o ditongo é reduzido: *ar-rayḥān* > *arraião*, *al-ḥayyāt* > *alfaiate*, ár. hisp. *al-bayāḍ* > *alvaiade*, *al-bayṭār* > *alveitar*, *az-zaytūna* > *azeitona*; *al-qaysārīya* > *alcaçeria*, *ṭayfūrīya* > *taforeia*, ár. hisp. *al-ḥayrī* > *aleli*, *al-ḡāyb* + -eira > *algibeira*; em *laymūn* > *limão* houve influência de *lima* < ár. *līma*.

O ditongo *aw* aparece três vezes reduzido e uma vez conservado: ár. vulg. *mawsám* > *moução* > *monção*, *aš-šāwīya* > *enxovia*, *táwšiya* > *tauxia* (para o acento, cf. 2.1.2).



## 3. Consonantismo

No seguinte quadro damos um panorama dos fonemas consonânticos do árabe hispânico segundo a gramática de Corriente (31-60).<sup>64</sup> No parágrafo 3.1 trataremos das consoantes simples e geminadas na seguinte ordem: oclusivas (3.1.1-3.1.6), africadas (3.1.7), fricativas (3.1.8-3.1.18), nasais (3.1.19-3.1.20), líquidas (3.1.21-3.1.22) e semivogais (3.1.23-3.1.24). Os grupos de consoantes serão estudados no parágrafo 3.2.

	bilabiais	labiodentais	interdentais	dentais	alveolares	prepalatais	velares	uvulares	faríngeas	laríngeas
oclusivas	p b			t d			k	q		ʔ
velarizadas				ˤ ˤ						
africadas						ç				
fricativas		f	ˤ ˤ		s z	ʃ ʃ		ħ ħ	ħ ʕ	h
velarizadas			z		s					
nasais	m			n						
líquidas					l	r				
semivogais	w					Y				

<sup>64</sup> Cf. também Corriente 1978. - As consoantes incluídas no quadro marcado com tipo negro são aquelas às quais se assimila normalmente o /l/ do artigo arábigo (v. 4.1).

Primeiro, porém, temos de recordar o sistema consonântico do português antigo, que é o seguinte (segundo Teyssier 1982: 26).<sup>65</sup>

	bilabiais	labio- dentaís	dentaís- -alveolares	palataís	velares
oclusivas	p b		t d		k g
africadas			ʃ ʒ	ç (d)ž	
fricativas		f v	s z	ç	
nasais	m		n	ɲ	
líquidas			l	ʎ	
			r		
			ʀ		
semivogais	w			y	

### 3.1. Consoantes simples e geminadas

#### 3.1.1. /p/ e /b/ (Corriente 31-35, Steiger 104-111)

O fonema /b/ tinha no ár. hisp. muito provavelmente duas variantes, uma forte [p] e uma branda [β]. A primeira até chegou a ser fonema no ár. hisp. (/p/ ou /p/ velarizado).<sup>66</sup> Assim temos ár. hisp. \**ispināḡ* > *espinafre* e ár. hisp. *alparḡāt* > *alpercata*.

<sup>65</sup> Para uniformizar a transcrição, modificámos levemente a exposição de Teyssier: introduzimos uma coluna nova para as labiodentais e incluímos a semivogal alta, arredondada /w/ na coluna das bilabiais (no quadro de Teyssier está com as velares); finalmente, utilizamos os sinais /ʃ/ por /ts/, /ʒ/ por /dz/, /ç/ por /tš/, /ɲ/ por /nh/ e /ʎ/ por /lh/ e não distinguimos, no quadro, as variantes [l̥] (dental-alveolar) e [l] (velar) do fonema /l/.

<sup>66</sup> V. Corriente 1978a: 214. P.ex., ár. hisp. *párga* (PAlc. 99b) 'alpercata' : *bárga* (PAlc. 142b) 'choça' (Corriente, loc. cit.).

O /b/ árabe conserva-se em posição inicial:<sup>67</sup> ár. vulg. *bárrī* > *bairro*, *ballūṭa* > *bolota*, *baḥrī* > *bafari*. Em posição intervocálica, o /b/ fica como /b/ (13 casos) ou é substituído por /v/ (9 casos). É assim muito difícil estabelecer uma regra para estas evoluções, já que uma e outra solução se dão tanto em sílaba acentuada como em sílaba átona: ár. vulg. *kabāya* > *cabaia*, ár. hisp. *ar-rabáḍ* > *arrabalde*, *al-muqābala* > *almucábala*, *al-qabāla* > *alcavala*, ár. hisp. *az-zabáğ* > *azeviche*, ár. vulg. *al-madrāba* > *aladrava*. Em *at-tābūt* > *ataúde* há "eliminación disimilatoria de la -b-" (Steiger 107, cf. Corriente 33).

Também para o /bb/ geminado não podemos dar uma regra fixa, uma vez que nos arabismos ocorre tanto /b/ como /v/: *\*al-ḍábba* > *aldraba* e *aldrava*, *al-ğúbba* > *aljuba*, *al-qúbba* > *alcova*. Somente o /-bb/ geminado final parece manter-se, cf. *al-ğúbb* > *aljube*, *ar-rúbb* > *arrobe*. Além disso, ocorrem alguns casos nos quais o /bb/ geminado dá /p/: *ḥabb ar-rá's* > ant. *fabarraz* > *\*faparraz* > *paparraz*,<sup>68</sup> *al-kabbāra* > *alcaparra*, *šabbūt* > *xaputa*. Nestes casos, como também em *xarope* e *acepipe* (v. infra), o /p/ poderia vir já do ár. hisp., que às vezes representava o /p/ com a grafia <bb>.

Em posição final é onde o /b/ apresenta as soluções mais variadas: Se a palavra receber uma vogal paragógica, o /b/ pode-se conservar ou passar a /v/ ou /p/; outras vezes é vocalizado ou substituído por outra consoante mais própria do português nessa posição. Num caso simplesmente desaparece. Assim temos *ad-dí'b* > *adibe* [Figueiredo], *aṭ-ṭúb* > *adobe*, *al-‘árab* > *alarve*, *az-zárb* > *azerve* [Figueiredo], *šarāb* > *xarope*, *az-zabīb* > *acepipe*, ár. vulg. *al-‘aqráb* > *alacrau*,

<sup>67</sup> Há duas exceções: Em ár. vulg. *balansíya* > *melancia* houve /b/ > /m/ em português, influenciado por *melão* (para a alternância /m/ ~ /b/ no ár. hisp. cf. Corriente 33-34). No dial. *pateca* < ár. *battíha* pode ter havido cruzamento (cf. também DELP, s.v. *bateca* para variantes com /b-/).

<sup>68</sup> V. Steiger 257 e n. 2 ib.

šarāb > xarau, ar-rabāb > arrabil, al-zurūb > algeroz, ár. vulg. al-muḥtasáb > almotacé.

### 3.1.2. /t/ e /d/ (Corriente 36-39, Steiger 127-136)

O /t/ arábigo, tanto o simples como o geminado, é sempre representado nos arabismos por /t/. Somente em dois casos há outras resultantes: ár. hisp. 'atšákka > achacar com -tš- > /č/ e at-tābūt > ataúde provavelmente com sonorização românica após a epítese (v. Steiger 129 e n. 2). Para -st- v. 3.2.2.(c).

Inicial: tillīs > teliz, támra > tâmara, turkī > turqui. Intervocálico: fatīla > fatia, ár. vulg. al-nušátar > ant. almoxatre, ár. vulg. \*ženēti > ginete. Geminado: ḥattā > até, fattāša > fateixa, at-tún > atum. Final: al-fitāt > alfitete, as-sikkāt > acicate, az-záyt > azeite.

Analogamente, o /d/ conserva-se quase sempre. Em posição inicial ocorre só uma vez e é reproduzido por /t/ no ant. tercena [Figueiredo] < ár. hisp. dār aṣ-ṣána'. Para este caso, como também para os três vocábulos que demonstram /-d#/ > /-t/, e talvez também para o caso isolado alcatruz < ár. al-qādūs,<sup>69</sup> é preciso levar em conta que o ár. hisp. conhecia a alternância /d/ ~ /t/ em todas as posições.<sup>70</sup>

Intervocálico: ṭarrāda > tarrada, ár. vulg. badán > bedém, ár. vulg. al-qadāḥ > alcadafe. Geminado: ad-dārb > adarve, ad-dúff > adufe, ad-dalīl > adail. Final: as-súdd > açude, al-múdd > almude, ár. vulg. al-masǧid > ant. almagid [Steiger 186], al-'ūd > alaúde, al-qā'id > alcaide. /-d/ > /t/: ár. vulg. turbid > turbito [Figueiredo], al-qawwād >

<sup>69</sup> Cf. a divergente cadoz < ár. qādūs.

<sup>70</sup> V. Corriente 39: ár. dirwās ~ ár. hisp. tarūs 'dog', ḡuḥṭub por ḡuḥdub 'grasshoppers', ḡarraṭ ao lado de ḡarraḍ 'to shout'; e cf. Steiger 1948: 30 n. 4. - Isto é, o port. ant. tercena poderia remontar-se a uma forma \*ṭar aṣ-ṣána' do ár. hisp. Steiger 1948: 30-31 supõe enurdimento dissimilatorio para este caso. Para tercena, cf. Steiger 1948: 30-31, Kahane 1973: 364-365 e Lopes 1917: 861-867.

*alcaiote, zabād* > *zibeta*; em dois casos o /-d/ final desaparece: *al-fānīd* > *alfenim*, ár. vulg. *lāzūrd* > *azul*.

3.1.3. /ḍ/ e /ṭ/ (Corriente 39-40 e 46-48, Steiger 47-50 e 149-165)

A oclusiva dental sonora velarizada tinha provavelmente, pelo menos nalgumas regiões do Andaluz, uma pronúncia lateral - culta -, a qual pode explicar o reflexo -ld- nos arabismos.<sup>71</sup> Ora esta substituição /ḍ/ > -ld- só parece ter-se dado em posição final (e acentuada), já que os arabismos com *ald-* inicial se explicam muito provavelmente, segundo Giese 1964: 356, pela falta de assimilação, no ár. vulg., do -ldo artigo arábigo ao /ḍ/ seguinte. Assim temos \**al-ḍáy'a* > *aldeia* e \**al-ḍábba* > *aldraba, aldrava*. Nos outros casos de /ḍ/ medial e de /ḍḍ/ geminado esse som é substituído pela mais próxima oclusiva /d/:<sup>72</sup> *al-ḡiḍār* > *alguidar, raḍūma* > *redoma, aḍ-ḍiyāfa* > dial. *adiafa, rabb aḍ-ḍá'n* > *rabadão*.

Em posição final: ár. hisp. *ar-rabād* > *arrabalde*, ár. hisp. *al-bayād* > ant. *alvaialde* > *alvaiade*. E com estes casos devemos considerar também o de *al-qāḍī* > ant. *alcalde* [Figueiredo]. Em *alarde* < ár. *al-‘ārḍ* não houve reflexo lateral do /ḍ/ por esse se encontrar depois de consoante.

O /ṭ/ dá normalmente /t/.<sup>73</sup> Inicial (sempre /t/): *ṭássa* > *taça, ṭarīḥa* > *tarefa, ṭabīḥ* > *tabefe*. Intervocálico: *al-qaṭīfa* > *alcatifa, al-qaṭī'a* > *alcateia, ballūṭa* > *bolota*. Geminado: *aṭ-ṭāḥūna* > *atafona, aṭ-ṭalāyi'* > *atalaia*, ár. hisp. *aṭ-ṭabál* > *atabale*. Final: *al-ḥayyāt* > *alfaiate, as-sáwt* > *açoute, qīrāt* > *quilate*.

As poucas excepções (7 palavras de 35 com /ṭ/ medial e final) talvez resultem de sonorização românica, embora não se deva excluir a possibilidade de assimilação da sonoridade

<sup>71</sup> Na linguagem corrente, no ár. hisp. (como noutros dialectos árabes), a oclusiva /ḍ/ tinha-se fundido com a fricativa velarizada /z/, v. Corriente 46-47 e Giese 1964: 356-357.

<sup>72</sup> O /ḍ/ não ocorre no corpus em posição inicial.

<sup>73</sup> Para os grupos -ṭr-, -ṣṭ-, etc. v. 3.2.

(Corriente 39 n. 38). Por outro lado, existia no ár. hisp. uma pronúncia sonora do /ṭ/, provavelmente infracorrecta (*substandard*: Corriente 39-40), que também pode ter influído na evolução /ṭ/ > /d/. Assim ár. vulg. *baṭāna* > *badana*, *bāṭil* > *de balde*, *rúbṭ* > ant. *rolda* [Figueiredo], ár. vulg. *‘aṭīl* > dial. *adil*,<sup>74</sup> ár. hisp. *al-quṭún* > *algodão*, *aṭ-ṭúb* > *adobe*, ár. hisp. *al-qarrāṭ* > *arrecada* (v. 4.3.(d)).

### 3.1.4. /k/ (Corriente 53, Steiger 203-208)

Regra geral, o /k/ é reproduzido por /k/ nos arabismos. Inicial: ár. vulg. *kabāya* > *cabaia*, *kubāba* > *cubeba*, ár. vulg. *kuskús* > *cuscuz*. Intervocálico: ár. hisp. *al-mukáffir* > *almocafre*, *aš-šákā* > *achaque*, ár. magr. *al-bākūra* > *albacora* 'figo lampo'. Geminado: *as-sikkāt* > *acicate*, *as-súkkar* > *açúcar*, *al-fakkāk* > *alfaqueque*. Final: *šabbāk* > *xaveco*, *tarík* > *tarecos*, *mamlūk* > *mameluco*.

Não obstante, ocorrem dois casos com sonorização do /k/ inicial, três do medial e um do final. Enquanto Machado atribui o /g/ de *agomia* à "influência berber" (DELP, s.v.), a sonorização do /k/ medial e final é geralmente considerada fenómeno românico.<sup>75</sup> Assim temos sonorização em *kitāra* > *guitarra*, ár. marr. *kummiya* > *agomia*, *barrakān* > *barregana*, *šábaka* > *xávega*, *al-máštakā* > *almécega* e *al-mártak* > *almártaga*. Além destes seis casos, o /k/ é sempre conservado.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> V. Wagner 1934a: 12-14.

<sup>75</sup> Cf. Corriente 53: "The voicing of intervocalic /k/ in some loanwords (e.g., *barragán* 'a garment' < /barrakán/, *jábega* 'net' < /šábaka/, *almáciga* 'mastic' < /al-másta-ka/, St[eiger] 207) has seemingly taken place after borrowing by Romance [...]." E v. Steiger 203.

<sup>76</sup> Para o português não é válida, portanto, a afirmação de Steiger 206: "En el ibero-románico el *č* medial se expresa regularmente por *g*." Cf. ainda ár. vulg. *ar-rukún* > Lisboa *arrincão* [Figueiredo], ár. vulg. *makīla* > *maquia*, *al-kakánġ* > *alquequenge*, *az-zakā* > ant. *azaqui* [Steiger 332].

## 3.1.5. /q/ (Corriente 53-54, Steiger 55-57 e 208-218)

A oclusiva uvular /q/ realizava-se no ár. hisp. como surda e, no *substandard*, também sonora (Corriente 53, Steiger 208-209). Esta última realização pode ser responsável pelos frequentes reflexos /g/ nos arabismos, embora se tenha de ter em conta sempre as possibilidades de assimilação da sonoridade e - em posição interna - de posterior sonorização no português.<sup>77</sup>

Em posição inicial, todavia, o /q/ é sempre representado por /k/ nos arabismos portugueses: *qáfila* > *cáfila*, *qandíl* > *candil*, *qadím* > *cadimo*. O mesmo é válido para o /qq/ geminado: *as-saqqâ* > ant. *açacal* [Figueiredo], ár. vulg. *atrâqqa* > *atracar*,<sup>78</sup> \**aš-šâqq* > *enxaca*.

Em posição medial e final ocorre tanto a substituição por /k/ como a sonorização (v. também 3.2 para os grupos com /q/). Intervocálico aparece sonorizado em dez vocábulos e como /k/ em quinze; p.ex.: *as-sâqiya* > *acéquia*, *al-faqîh* > *alfaqui*, *aš-šaqîqa* > *enxaqueca*; ár. hisp. *ta'líqa* > ant. *talega* [DELP, s.v. *teiga*], *hálaqa* > *afagar*, ár. vulg. *az-zinâqa* > *azinhaga*.

Analogamente temos em posição final oito casos com /k/ e sete com /g/, p.ex.: *al-birqûq* > *albricoque*, \**anâq* > *anaco*, *al-'anbîq* > *alambique*; *al-qîrq* > *alquerque*, *summâq* > *sumagre*, *as-sûq* > *açougue*. Às vezes existem variantes: ár. vulg. *zarqaţûna* > *zaragatoa* ~ *zaracoteia*, *al-bûq* > *alboque* ~ *alboque*, *fanîqa* > dial. *fanega* ~ *faneca* [DCEC, s.v. *fanega*].

<sup>77</sup> V. Corriente 53 e Steiger 212-213: "Siendo interna, abunda la -g- equivaliendo a ġ; los ejemplos han de tomarse con cierta cautela, puesto que el ġ -q- intervocálico sordo (= c, qu) muy bien podía sonorizarse posteriormente dentro de la evolución ibero-románica [...]. La sonorización es de suponer que ocurriera en aquellos casos que no revelan dobles arcaizantes."

<sup>78</sup> V. Corriente 1980: 156-157.

## 3.1.6. /ʔ/ (Corriente 58-60, Steiger 244-248)

A oclusiva laríngea (*hamza*) /ʔ/ muitas vezes desapareceu já no ár. hisp.<sup>79</sup> e não deixou vestígios nos arabismos portugueses. Lembramos, porém, que pode impedir a *imāla* (2.1.1).

Inicial: ár. hisp. \*ʔispināḥ > *espinafre*, ʔafyūn > ant. *anfião* [DELP, s.v. ópio], ʔamīr al-muʔminīn > *miralmuminim*. Medial: *al-muʔāddīn* > *almuadem*, *al-qurʔān* > *Alcorão*, *ar-rāʔis* > *arraais*. Final: *al-kirāʔ* > *alquilé*, *al-kisāʔ* > ant. *alquicé* [Figueiredo], *al-bannāʔ* > ant. *alvanel*.

## 3.1.7. /ǧ/ (Corriente 50-52, Steiger 52-53 e 180-195)

A africada prepalatal sonora /ǧ/ é substituída pela correspondente /(d)ž/<sup>80</sup> no português antigo. Há, porém, alguns casos de ensurdecimento e representação por /č/, o que podia ter acontecido já no ár. hisp., o qual provavelmente conhecia - nos registos baixos - uma pronúncia surda [č].<sup>81</sup>

Em posição inicial ocorre só um caso de ensurdecimento, enquanto o normal é /ǧ/ > /(d)ž/: ár. vulg. *ǧilāl* > *cha(i)rel* > *xa(i)rel* (Steiger 189), *ǧárra* > *jarra*, *ǧahāz* > *jaez*, *ǧabalī* > *javali*. Também em posição intervocálica e medial temos regularmente /ǧ/ > /(d)ž/: *al-muǧābbana* > *almojávena*, *al-hāǧar* > *alfarja*, ár. vulg. *Buǧiya* > *bugia*. Duas pa-

<sup>79</sup> Cf. Steiger 244: "El ataque duro, que llega a sustituirse parcialmente dentro ya de las lenguas semíticas, no se mantiene en los arabismos llevados al romance." P.ex., o *hamza* caiu regularmente no contorno /V̄\_#/ , i.é, depois de vogal longa no fim de palavra (Corriente 59): ár. cl. *ibtidāʔ* > ár. hisp. *ibtidā* 'começo' (Voc. 3), ár. cl. *ibtīǧāʔ* > ár. hisp. *ibtīǧā* 'desejo' (Voc. 3), ár. cl. *ibtīlāʔ* > ár. hisp. *ibtīlā* 'tribulação' (Voc. 3).

<sup>80</sup> Para a qual v. Teyssier 1982: 27-28: "Este fonema foi inicialmente a africada /dž/, mas perdeu, num determinado momento, o seu elemento oclusivo inicial, e passou a /ž/. Torna-se difícil saber se tal evolução ocorreu durante o período que estamos estudando [sc. de 1200 a aproximadamente 1350] ou depois dele."

<sup>81</sup> Que até chegou a ter valor fonológico, segundo Corriente 1978: 214-215 ("parece oportuno dar a /č/ plena consideración de fonema en árabe hispánico" 215).



lavras demonstram ensurdecimento: *ḥalīḡa* > dial. *falacha*<sup>82</sup> e ár. vulg. *manḡál* > *manchil*.<sup>83</sup>

O /ḡḡ/ geminado dá sempre /(d)ž/: *rāḡḡa* + *-ada* > *raja-da*, *al-ḥaḡḡām* > *alfageme*, *mudāḡḡan* > *mudéjar*. É em posição final onde o ensurdecimento ocorre a maior parte das vezes. Aqui temos quatro casos com ensurdecimento perante cinco com /ḡ/ > /(d)ž/:

<i>al-húrḡ</i> > <i>alforje</i>	ár. vulg. * <i>iskebēḡ</i> > <i>escabeche</i>
<i>al-márḡ</i> > <i>almarge</i>	ár. hisp. <i>az-zabáḡ</i> > <i>azeviche</i>
<i>al-kākánḡ</i> > <i>alquequenge</i>	<i>ṣahrīḡ</i> > <i>zafariche</i> > <i>chafariz</i>
<i>az-zuláyḡ</i> > <i>azulejo</i>	<i>āš-šitránḡ</i> > ant. <i>acedrenche</i>
ár. hisp. <i>zanbūḡ</i> > <i>zambujo</i>	[DELP, s.v.]

Ocorrem, finalmente, algumas palavras que revelam /ḡ/ > /z/, o que talvez se explique por uma pronúncia [ž] (i.é, fricativa palatal) no ár. hisp. (Corriente 51); cf. as variantes *zirzelim* ao lado de *gergelim* < ár. vulg. *ḡilḡilān*,<sup>84</sup> *zarra* [DELP, s.v. *jarra*, Corriente 49] ao lado de *jarra* < ár. *ḡarra* e *rahḡ al-ḡār* > *resalgar*.<sup>85</sup>

### 3.1.8. /f/ (Corriente 36, Steiger 112-120)

A fricativa labiodental /f/ não põe nenhum problema, uma vez que é sempre representada pela correspondente /f/ nos ara-

<sup>82</sup> V. Steiger 256.

<sup>83</sup> V. Corriente 52. - Um caso diferente é *alfaia*, que se baseia numa mudança /ḡ/ > /y/ dentro do ár. hisp.: *al-hāḡa* > \**al-hāya* > *alfaia* (Corriente 52); cf. também *āliazar* ao lado de *aljazar* < ár. vulg. *al-ḡazār*. Para o espanhol *aliara* - que não provém do ár. *al-ḡarra* (como diz Corriente 52, seguindo DE 139) - v. DCEC, s.v.

<sup>84</sup> Cf. ár. magr. *zanḡalān* por *ḡulḡulān* em DE 147 e Dozy I 606a.

<sup>85</sup> Seria interessante averiguar se há alguma regularidade na evolução /ḡ/ ~ /g/ > /k/ (v. Corriente 50-51, que cita um port. ant. *altāncara* 'a vessel' < ár. *tānḡara* e navarrino *cofaina* < ár. *ḡufáyna*; port. ant. *alcázira* ao lado de *algecira* < ár. *al-ḡazīra* em Steiger 147-148), que talvez pudesse ser a chave para o port. *mafarrico*, "de etimologia obscura" segundo Machado (DELP, s.v.); se podemos admitir uma substituição /ḡ/ (ou /g/) > /k/, *mafarrico* poderia muito bem derivar do ár. hisp. *muharráḡ* 'brincalhão, gracioso' (cf. Kiesler 1992 n.º 178); e sempre poderia ter influenciado o ár. *mahrūm* 'amaldiçoado' (para o qual cf. DE 298), que o DPE propõe como étimo, mas que por si só dificilmente pode explicar *mafarrico*.

bismos do português.<sup>86</sup> Inicial: *fánqa* > *fanga*, *fatīla* > *fattia*, *fattāša* > *fateixa*. Intervocálico: *aḍ-diyāfa* > dial. *adiafa*, ár. hisp. *aṭ-ṭafár* > *atafal*, ár. hisp. *as-safát* > *açafate*. Geminado: *ad-dúff* > *adufe*, *al-qúffa* > *alcofa*, ár. hisp. *ad-dúffa* > *adufa*. Final: ár. hisp. *muṣḥáf* > ant. *moçafe* [Steiger 265], *al-'aríf* > ant. e bras. *alarife* [Aurélío, Figueiredo], *al-liḥáf* > *alifafe* 'cobertor'. Só em *ḥarúf* > *farroupo*<sup>87</sup> houve /-f/ > /-p/.<sup>88</sup>

### 3.1.9. /ṭ/ e /ḍ/ (Corriente 43-45, Steiger 45-46 e 121-127)

As fricativas /ṭ/ e /ḍ/ pronunciavam-se como interdentais no ár. hisp., mas nos registos baixos havia tendências para substituições por pronúncias oclusivas, /t/ e /d/, ou até fricativas alveolares.<sup>89</sup> Estas substituições explicarão os reflexos nos arabismos, os quais parecem ser normalmente /t/ e /d/;<sup>90</sup> contudo, os exemplos são tão poucos que não permitem estabelecer uma regra fixa. Assim temos /ṭ/ > /t/: *miṭqál* > ant. *metical*; ár. vulg. *al-kaṭírā* > *alcatira*, ár. hisp. *aṭ-ṭafár* > *atafal*. /ṭ/ > /d/: ár. hisp. *al-maḥrāta* > ant. *almarada* [Figueiredo].<sup>91</sup> /ṭ/ > /s/: ár. hisp. *ṭamānī* > *celamim*, *aṭ-ṭúrda* > *açorda*.

E para o /ḍ/:<sup>92</sup> *aḍ-dí'b* > *adibe* [Figueiredo], *al-*

<sup>86</sup> Para um caso de desaparecimento do /f/ v. 3.2.2.(f).

<sup>87</sup> Wagner 1934a: 9, 20-21 e n. 1, Steiger 120, 349.

<sup>88</sup> V. Steiger 120 (port. ant. *falipa* ao lado de *falifa* < ár. *ḥanīfa* e *alfobre* < ár. *al-ḥúfra*) e Wagner 1941: 602.

<sup>89</sup> V. Corriente 44 e n. 54: "It is not unlikely that, as the interdental articulation was not congenial to S[panish] Ar[abic] speakers, substitutions were made in lower register like the ones suggested by Alcalá's spellings of 'león' "lion" *léyç* pl. *luyúç* [ár. cl. *layt*], 'como' "as" *midl*, but 'semejantemente' "like" *midl* [ár. cl. *mitl*], 'perseverar' *namcúd* "to stay" (O[ḷd]A[rabic] {mkt}), 'pescudar' *nabhád* "to search" (OA {bḥt}), [...]"

<sup>90</sup> Cf. também Grossmann 1969: 61, Kiesler 1992: 3.3.2.

<sup>91</sup> V. Corriente 1980: 125-126.

<sup>92</sup> "El d- inicial presenta en el romance ibérico poquíssimos reflējos." Steiger 125. E ainda: "Faltan ejemplos para -d final en palabras romances procedentes del árabe." Steiger 126.

*mu'áddin* > *almuadem*, *aḍ-ḍakī* + *pera* > *atequipera* [Figueiredo].<sup>93</sup>

### 3.1.10. /z/ (Corriente 46-48, Steiger 169-173)

O /z/ arábigo, que no ár. hisp. se fundira com /d/ e em parte com /ḍ/, quase não aparece nos étimos dos arabismos portugueses.<sup>94</sup> No corpus ocorrem somente dois casos com /z/; num foi substituído já no ár. hisp. e no outro desaparece por aférese: ár. *nāẓir* > ár. hisp. *an-nadír* > port. ant. *anadel* (v. Steiger 172), ár. magr. *‘azm al-fíl* > *marfim*.

### 3.1.11. /s/ e /ṣ/ (Corriente 48-49 e 50, Steiger 136-143 e 166-169)

Nos registos baixos do ár. hisp. tinham-se fundido o /s/ e o /ṣ/ (Corriente 49, 50); não é estranho, portanto, que as duas consoantes sofram essencialmente o mesmo tratamento nos arabismos portugueses. Além disso, existem alguns casos de alternância /s/ ~ /z/ e /ṣ/ ~ /z/ no ár. hisp.;<sup>95</sup> isto talvez possa explicar algumas irregularidades na representação desses sons nos arabismos.

Em posição inicial, tanto o /s/ como o /ṣ/ são geralmente representados pela africada surda /š/ (à qual correspondem as grafias <ç>, <c<sup>o</sup>.<sup>1</sup>>). /s/ > /š/: *salhúm* > ant. *cerome* [Figueiredo], *sabtī* > *ceartil*, *sāqa* > *saga* (mas ant. *çaga*). /ṣ/ > /š/: *ṣaḥrāwī* > *saloio* (mas ant. *çalaio*, v. n. 26), *ṣífr* > *cifra*, *ṣáyfa* > *ceifa*. Em posição inicial temos

<sup>93</sup> V. Steiger 125-126: "Esta formación híbrida, único testimonio con *t*, por sí nada prueba, siendo así que la *t* más bien correspondería al sonido interdental reduplicado por asimilación solar." (126).

<sup>94</sup> Cf. Steiger 170: "Es difícil decir cuáles son las correspondencias hispánicas del *ṣ*, pues apenas conocemos importaciones en que ocurra este sonido."

<sup>95</sup> P.ex.: /s/ ~ /z/ (Corriente 48): ár. hisp. *hāris* e *hāriz* 'guarda' (ár. cl. *hāris*), ár. hisp. *mihrās* e *mihrāz* 'morteiro' (ár. cl. *mihrās*), ár. hisp. *‘ukkās* e *‘ukkāz* 'bastão' (ár. cl. *‘ukkāz*), ár. hisp. *dihlīs* e *dihlīz* 'corredor, vestíbulo' (ár. cl. *dihlīz*). E para /s/ ~ /z/ (Corriente 50): ár. hisp. *qaṣḍīr* e *qazdīr* 'estanho' (ár. cl. *qaṣḍīr*), ár. hisp. *qafaṣ* e *qafaz* 'gaiola' (ár. cl. *qafaṣ*).

hoje <s> diante de <a, o, u>, o que é nos arabismos uma grafia secundária e corresponde aos casos que antigamente se grafavam com <ç->.<sup>96</sup> Assim p.ex. *saramago* < ár. vulg. *sarmáq*, *sambuco* ao lado de *zambuco* (mas ant. *çambuco*: DELP, s.v. *sambuco*<sup>2</sup>) < ár. *sanbúq*, *sanbúk*, *sanefa* < ár. *šanífa* e *sáfaro* < ár. vulg. *šáhri* (para o qual v. n. 60).<sup>97</sup> Finalmente, ocorrem quatro casos de /s/ > <z> e um de /š/ > <z>, que talvez se expliquem pela alternância /s/, /š/ ~ /z/ no ár. hisp. (v. n. 95). Além de *zambuco* (v. supra), são os seguintes: *suwât* > dial. *zuate*,<sup>98</sup> *sâhim* > *zaino*, *sikkî* > *zequim* [Steiger 346] e *šahrîğ* > *zafariche* > *chafariz*.

Em posição intervocálica e geminados, /s/ e /š/ dão regularmente /š/. Intervocálico: *ğadāmasî* > *guadameci*, *al-kisâ* > ant. *alquicé* [Figueiredo], *al-batāsa* > ant. *albetoca* [Steiger 311]; *al-‘ašîr* > *alacir*, *al-mušállā* > *almocela*, *al-qašîl* > *alcacel*. Geminados: ár. hisp. *as-sussāna* > *açucena*, *ṭāssa* > *taça*, *as-súkkar* > *açúcar*; *aš-šā’ifa* > *aceifa* [DELP, s.v. *ceifa*], ár. hisp. *aš-šúfar* > ant. *açôfar* [Figueiredo], ár. hisp. *dār aš-šāna* > ant. *tercena* [Figueiredo]. Há somente duas exceções: *as-sāniya* > *azinha* e ár. hisp. *aš-šíbr* > *azebre*. Para os grupos com /s/ e /š/ v. 3.2.

<sup>96</sup> Não se trata, portanto, de /s, š/ > /s/, cf. Steiger 136 ("Nunca se reproduce el *š* por *s* en palabras árabes de origen.") e ainda Corriente 49 n. 65: "[...] in some cases, this irregularity [sc. <s> românico por /s/ ár.] is due to spelling deviations or to borrowing through Catalan, French, etc."

<sup>97</sup> Não me é possível, por agora, verificar se todos os arabismos com <s-> tinham antigamente <ç->, uma vez que o DELP não indica sempre as grafias antigas. Seria tarefa interessante averiguar se realmente houve uma substituição /s/ > /š/ nos arabismos adoptados mais tarde e no Oriente, quando o português tinha reduzido as africadas /š/ e /ž/ a /s/ e /z/ (no séc. XVI); cf. p.ex. port. ant. *séjana* < ár. *siğn* [Steiger 192], "entrada tarde, no séc. XVI, oriundo de Marrocos" (DELP, s.v. *sagena*) e *sultão* < *sultān* (Steiger 176), provavelmente adoptado no Oriente (mas *soldan* no séc. XIII: DELP, s.v. *soldão*).

<sup>98</sup> Wagner 1934a: 25-26 e 31.

Em posição final, /s/ e /ṣ/ são reproduzidos, em ordem decrescente, por /ẓ/ (= <z>, em 16 palavras), /ṣ̌/ (= <ç, c<sup>e</sup>>, em 9 palavras) e somente duas vezes por /s/ (cf. n. 96): *al-qādūs* > *alcatruz*, *‘irq as-sūs* > *alcaçuz*, ár. vulg. *al-farás* > *alfaraz*, ár. hisp. *al-baráṣ* > *alvaraz*, *ğibs* ou *ğiṣ̌* > *giz*; *raḥiṣ̌* > *refece*, ár. hisp. \**marás* > *baraço*, ár. magr. *al-máyṣ* > *almece*,<sup>99</sup> *al-ħáss* > *alface*; *al-fāris* > *alferes*, *ar-rā’is* > *arrais*.

### 3.1.12. /z/ (Corriente 49-50, Steiger 144-149)

Muito regularmente, ao /z/ arábigo corresponde, nos arabismos, a africada sonora /ẓ/ com a grafia <z>. Inicial: ár. vulg. *zárqa* > *zarco*, *zabād* > *zibeta*, *zamr* > *zambra*. Intervocálico: *al-waẓír* > *aguazil*, *al-ħuzāmā* > *alfazema*, *al-ğazāra* > *algazarra*. Geminado: *az-ziyār* > *aziar*, *az-zāmila* > *azémola*, *ar-rúzz* > *arroz*. Final: *al-ğāz* > *algaz*, *ğahāz* > *jaez*, *qafīz* > ant. *cafiz* [Steiger 117].

As excepções são pouco numerosas: *al-ğazīra* > *algecira* [Steiger 147], *az-za‘farān* > *açafrão*, *az-zabīb* > *acepipe* e poucos mais; esses casos podem talvez explicar-se pela alternância /s/ ~ /z/ no ár. hisp., mencionada em 3.1.11 (e n. 95). Há finalmente dois casos com /ğ/ por /z/ arábigo. Esses baseiam-se provavelmente numa pronúncia ultracorrecta /ğ/ por /z/ do ár. hisp., provocada pela pronúncia *standard* [ž] por /ğ/ (Corriente 49-50): ár. vulg. *zenēti* > \**ženēti* > *ginete*<sup>100</sup> e *al-zurúb* > *algeroz*.

### 3.1.13. /š/ (Corriente 50, Steiger 195-202)

A fricativa prepalatal /š/ é regularmente representada pela correspondente /ṣ̌/ no português. Inicial: *šá‘ra* > *xara*, *šabbāk* > *xaveco*, *šakīma* > *xáquema*. Intervocálico: *fattāša* > *fateixa*, ár. vulg. *al-nušátar* > ant. *almoxatre*, ár. vulg. *mušámma‘* > *moxama*. Geminado: *aš-šaqīqa* > *enxaqueca*, *aš-šárq*

<sup>99</sup> Wagner 1934a: 8.

<sup>100</sup> V. Steiger 146. Assim também em ár. *zarāfa* > ár. vulg. *žarāfa* > italiano *giraffa* > (provavelmente pelo francês) port. *girafa* (v. Kiesler 1992 n.º 349), que é, portanto, arabismo indirecto em português.

> *enxerca*, *aš-šuwār* > *enxoval*. Final: *al-mafrāš* > *almofreixe*, mas *al-fārš* > *alfarge*. Além desta última palavra, há pouquíssimas excepções. Em posição inicial encontramos *chué* - ao lado de *xué* - < ár. hisp. *šuwáy* e *chifra* < ár. hisp. *šifra*.<sup>101</sup> Noutras posições só *alcachofra* < ár. hisp. *al-ḥaršūfa*. Em *achacar* < ár. hisp. *\*atšákka* temos /č/ < -tš-, e esta palavra pode ter influenciado na evolução de *aš-šákā* > *achaque*.<sup>102</sup>

### 3.1.14. /ḥ/ (Corriente 54-55, Steiger 218-237)

A fricativa uvular surda /ḥ/ é substituída na absoluta maioria dos arabismos por /f/, poucas vezes por /k/ ou ø.<sup>103</sup> Estas substituições explicam-se pelo facto de o /f/ coincidir com o /ḥ/ no modo de articulação (fricativo) e na surdez, enquanto o /k/ coincide (mais ou menos) com o /ḥ/ no ponto de articulação (velar - uvular).<sup>104</sup> A substituição /ḥ/ > /k/ deu-se, segundo Steiger 225, em duas épocas: primeiro,

<sup>101</sup> Para casos paralelos do espanhol (i.é, com /š/ > /č/ como no espanhol *chifla* < ár. hisp. *šifra*), Grossmann 1969: 62 nota que esta substituição só ocorre nas adopções registadas "después del siglo xvii", quando já não existia a fricativa palatal surda /š/ no espanhol *standard*. Essa explicação não pode valer para o português, que continua a utilizar o /š/ (e perdeu, precisamente "a partir do século xvii", a africada palatal /č/ [Teyssier 1982: 53]).

<sup>102</sup> O caso isolado de *alvíssaras* < ár. hisp. *\*al-bišra* muito provavelmente reflecte uma mudança /š/ > /s/ do ár. hisp. *substandard* (Corriente 50).

<sup>103</sup> Cf. Corriente 54-55, que fala da "expectable Romance transcription with <c> ([...]) and by ø ([...]) or <f> [...]".

<sup>104</sup> V. Steiger 218: "La grafía *f* aparece extendida en ibero-románico como sustitutivo del č; y así se halla exclusiva o al menos principalmente en Portugal y Cataluña. En español también tiene algún arraigo la *k* y la *g* (*c*, *qu*, *g*), en tanto que el portugués se contenta casi únicamente con *f*." - Para o português encontramos 23 casos de /ḥ/ > /f/ perante 7 de /ḥ/ > /k/ e quatro com /ḥ/ > ø. No espanhol a substituição /ḥ/ > /k/ não é normal, segundo Corominas (DCEC, s.v. *alcachofa* n. 1), enquanto que o catalão conhece tanto /ḥ/ > /f/ como /ḥ/ > /k/ e /ḥ/ > /g/ (Kiesler 1992: 3.3.8).

numa época antiga, e depois, a partir do século XVI.<sup>105</sup> A queda do /ħ/ só ocorre em contacto com outra consoante e será tratada em 3.2.2. É de notar que nos arabismos portugueses não aparece a substituição /ħ/ > /g/.

Inicial: *ħálaqa* > *afagar*, *ħanīfa* > ant. *falifa* [Steiger 120]; *ħuṭṭāf* > ant. *coteife* [Steiger 228], *ħalīfa* > *califa*. Intervocálico e depois de consoante: *raħīṣ* > *refece*, ár. magr. *al-muħádda* > *almofada*, *al-ħayyāt* > *alfaiate*; ár. hisp. *al-ħaršūfa* > *alcachofra*. Final: *ṭabīħ* > *tabefe*, ár. vulg. *an-nafáħ* > *alifafe* 'tumor nas articulações das patas das cavalgaduras'; ár. hisp. *al-manāħ* > *almanaque*, *šáyħ* > *xequ* 'chefe de cabilda ou tribo árabe'. Não aparecem formas com /ħħ/ geminado.

### 3.1.15. /ğ/ (Corriente 55-56, Steiger 237-243)

O /ğ/ é regularmente substituído por /g/ nos arabismos portugueses. Inicial: *ğázwa* > *gázua*, *ğarrāfa* > *garrafa*, *ğadāmasī* > *guadameci*. Medial: *al-muğāwir* > *almogávar*, *az-zağāya* > *azagaia*, *al-ğidār* > *alguidar*, *al-ğúlla* > *argola*. Não ocorrem formas com /ğ/ final nem com /ğğ/ geminado.<sup>106</sup>

### 3.1.16. /ħ/ (Corriente 57, Steiger 248-267)

Regra geral, o /ħ/ arábigo é substituído por /f/ nos arabismos portugueses. Diferentemente do /ħ/ (v. 3.1.14), a fricativa faríngea /ħ/ desaparece com maior facilidade e nunca é representada por /k/. O /ħ/ aparece em 42 casos, em 30 dos quais passa a /f/, enquanto nos outros 12 desaparece. Inicial: *ħúrr* > *forro*, *ħattā* > *até*. Medial: ár. hisp. *al-muħássa* > *al-mofaça*, *ṭarīħa* > *tarefa*, *al-buħáyra* > *albufeira*, *sāħim* > *zaino* (v. n. 56), ár. vulg. *al-ħanbál* > *alambel*, *as-suṭáyħa* > *açoteia*. Final: ár. vulg. *al-qadáħ* > *alcadafe*, ár. vulg. *ṭáraħ* > *tara*. Não aparece o /ħħ/ geminado nos éti-

<sup>105</sup> Cf. Ali 1937: 293-294.

<sup>106</sup> O port. *alcatraz* < ár. *al-ğattās* (Steiger 313) talvez se explique por etimologia popular (× *alcatruz*, v. DCEC, s.v. *alcatraz*); para *almafre* e *alvarral* v. 3.2.2.(f) e 4.3.(d), respectivamente.

mos dos arabismos.<sup>107</sup>

3.1.17. /ʕ/ (Corriente 56-57, Steiger 274-291)

A fricativa faríngea sonora /ʕ/ podia cair já nos registos baixos do ár. hisp. (Corriente 56) e não deixou vestígios nos arabismos.<sup>108</sup> Lembramos, porém, que podia impedir a *imāla* (2.1.1). Inicial: ‘ánbar > âmbar, ‘anāq > anaco, ár. vulg. ‘aráq > araca. Intervocálico: al-ǧāmi‘a > algema, ár. magr. al-bārda‘a > albarda, ar-ra‘āyā > arraia. Final: ár. vulg. mušāmma‘ > moxama, ár. hisp. dār aṣ-ṣāna‘ > ant. tercena [Figueiredo], ár. hisp. ar-rúba‘ > arroba.

Em dois casos houve substituição /ʕ/ > /g/ já dentro do ár. (v. Steiger 283): al-‘arabīya > algaravia e al-‘arrāda > algarrada. Em al-mít‘a > ant. almêitiga pode tratar-se ou dum -g- anti-hiático ou de outra mudança /ʕ/ > /g/.<sup>109</sup> Não ocorrem arabismos cujo étimo tenha /ʕʕ/ geminado.<sup>110</sup>

3.1.18. /h/ (Corriente 57-58, Steiger 267-274)

O /h/ podia cair já no ár. hisp. e cai na maioria dos arabismos: Entre 18 casos desaparece em nove vocábulos, seis vezes é representado por /f/ e só três vezes por /k/. Inicial (só um caso): hábra > febra. Medial: ǧahāz > jaez, ár. vulg. az-záhr > azar, ár. hisp. rahán > refém, al-hadīya > ant. alfadía [Steiger 270]. Final: al-faḡīh > alfaquí,<sup>111</sup> ár. vulg. law šā ḷḷáh > oxalá, šāh > xeque 'ataque ao rei ou à rainha, no jogo do xadrez...', šāh > xaque.

<sup>107</sup> Cf. Steiger 267: "ǧ no parece representado en los arabismos adoptados en las hablas peninsulares."

<sup>108</sup> Steiger 275: "no subsisten apenas reflejos [sc. do /ʕ/] en la mayor parte de los elementos árabes que encierran las lenguas románicas."

<sup>109</sup> Cf. Steiger 288: "Los siguientes casos de -g- interna han de considerarse como epéntesis para destruir el hiato, debida a la fonética hispánica, aunque desde el punto de vista del mecanismo fisiológico en la pronunciación del ǧ pudiera pensarse en un cambio."

<sup>110</sup> Cf. Steiger 291: "No encuentro voces advenedizas con ǧ reduplicado."

<sup>111</sup> Cf. ár. hisp. faquí em PAlc. 97b.



## 3.1.19. /m/ (Corriente 36, Steiger 111-112)

O /m/ é sempre representado pela correspondente nasal bilabial nos arabismos portugueses.<sup>112</sup> Em posição final pode nasalizar a vogal precedente, se a palavra não receber uma vogal paragógica.

Inicial: ár. vulg. *makíla* > *maquia*, ár. vulg. *maṭráqa* > *matraca*, *miskín* > *mesquinho*. Intervocálico: *ḡadāmasí* > *gadameci*, *al-ḥuzāmā* > *alfazema*, *turḡumān* > *turgimão*. Geminado: *al-ḥámma* > *alfama*, *al-kammūniya* > *alcamonia*, *az-zammāl* > *azemel*. Final: *al-ḥaḡḡām* > *alfageme*, *al-ḡannām* > ant. *alganame* [Steiger 87, 176], *qadīm* > *cadimo*, mas ár. hisp. *al-muqaddám* > *almocadém*, ár. vulg. *mawsám* > *monção*.

## 3.1.20. /n/ (Corriente 41-42, Steiger 173-176)

O /n/ é geralmente conservado nos arabismos, com excepção do /n/ final que nasaliza a vogal precedente. O /n/ inicial é conservado em *nā'úra* > *nora* e dissimilado em *nāránḡa* > *laranja*.<sup>113</sup> Em posição intervocálica o /n/ conserva-se na absoluta maioria dos casos (precisamente, em 21 casos perante três ou quatro com queda do /n/):<sup>114</sup> *al-muḡábbana* > *almojávena*, *az-zaytūna* > *azeitona*, *al-fānīd* > *alfenim*, ár. hisp. *as-sussāna* > *açucena*; ár. vulg. *zarqaṭūna* > *zaragatoa*, ár. hisp. *al-munāda* > *almoeda*, *al-barrāna* > *albarrã*.

Em contacto com /y/ e com /i/ - quando intervocálico -, o /n/ é palatalizado, o que ocorre em cinco casos: *al-múnya* > *almuinha*, *al-kúnya* > *alcunha*, *as-sāniya* > *azinha*, ár. vulg. *az-zināqa* > *azinhaga*, *miskín* > *mesquinho*.

O /nn/ geminado dá sempre /n/ em português: ár. hisp. *al-ḥinna* > *alfena*, *an-níl* > *anil*, *an-náfaqa* > *anáfega*. Em posição final, o /n/ nasaliza a vogal precedente e dá origem

<sup>112</sup> Somente em *baraço* < ár. hisp. \**marás* ocorre /m/ > /b/. Cf. n. 67.

<sup>113</sup> Cf. ár. magr. *laranḡa* e var. em Steiger 173.

<sup>114</sup> V. Steiger 173-175, Teyssier 1982: 16. - Somente em duas palavras encontramos outras soluções: *ḡanīfa* > ant. *falifa* [Steiger 120] e ár. hisp. *ṭamāñi* > *celamim*. Para *almoxatre* v. 2.2.3.(a).

às desinências <-em>, <-im>, <-um> e <-ão> (para esta última, v. 2.1.1.(a) e 2.1.3): *al-mu'áddin* > *almuadem*, ár. hisp. *al-mahzán* > *armazém*, ár. magr. *as-sámn* > *acém*,<sup>115</sup> *ǧilǧilán* > *gergelim*, 'amīr *al-mu'minīn* > *miralmuminim*, *at-tún* > *atum*, *az-za'farán* > *açafrão*, *laymún* > *limão*. Às vezes o /n/ final é conservado, se a palavra receber uma vogal (/a/) paragógica: *ad-dīwān* > *aduana*, *barrakān* > *barregana*, *siǧn* > ant. *séjana* [Steiger 192].<sup>116</sup>

### 3.1.21. /l/ (Corriente 52-53, Steiger 176-179)

O /l/ é conservado na grande maioria dos arabismos portugueses. Em posição inicial parece poder ser eliminado com bastante facilidade, enquanto nas outras posições é muito estável. Em princípio de palavra aparece seis vezes e mantém-se em três somente:

<i>lák</i> > <i>laca</i>	perante	ár. magr. <i>lámt</i> > <i>anta</i>
<i>líma</i> > <i>lima</i>		ár. vulg. <i>lázurd</i> > <i>azul</i>
<i>laymún</i> > <i>limão</i>		ár. vulg. <i>law šā llāh</i> > <i>oxalá</i>

Em posição intervocálica, o /l/ conserva-se em 18 palavras e cai em seis, p.ex.:<sup>117</sup> *aṭ-ṭalāyi'* > *atalaia*, *al-qabāla* > *alcavala*, ár. vulg. *baranǧāla* > *beringela*; *ad-dalīl* > *adail*, *fatīla* > *fatia*, ár. vulg. *makīla* > *maquia*. Em *fulān* > *fulano*, ant. e bras. *fuão* [Figueiredo, Aurélio] ocorrem as duas possibilidades. O /l/ intervocálico passa a /r/ em *šalūq* > *xaroco* e ár. vulg. *ǧilāl* > *xairel*.<sup>118</sup> O /ll/ geminado é sempre simplificado em /l/ em português: *ad-dallāla* > *adela* [Steiger 177 n. 2], *ballūṭa* > *bolota*, ár. hisp. *al-liqāṭ* > *alicate*. Para *marlota* v. n. 143.

<sup>115</sup> Wagner 1934a: 24-25.

<sup>116</sup> Em *mudáǧǧan* > *mudéjar* houve talvez adaptação ao esquema das palavras paroxítonas terminadas em -ar (i.é, palavras da estrutura /-VCar#/ como *açúcar*, *aljôfar*, *almiscar*, *almogávar*; ant. *açôfar*). Cf. Corriente 43 n. 52: "Poor perception of final consonants in foreign words accounts for /r/ > /d/ [...], as well as /n/ > /r/ in *mudéjar* < /mudájjan/ 'Muslim living under Christian rule'."

<sup>117</sup> V. Steiger 177-178, Teyssier 1982: 15.

<sup>118</sup> Para toda a questão da troca das líquidas v. Coromines 1977: 163-168.

Em posição final o /-l/ mantém-se com bastante regularidade (17 de 28 casos); em oito vocábulos desaparece por dissimilação ou adaptação a outras desinências (cf. 4.2.(b)) e três vezes passa a /r/. Assim temos, p.ex.: *ar-ráṭl* > *ar-rátel*, *qandīl* > *candil*, ár. hisp. *aṭ-ṭabál* > *atabale*; *al-ḥilāl* > *alfinete*, ár. hisp. *al-ʾiklīl* > *alecrim*; *\*as-sīṭl* > ant. *acéter* [Figueiredo], *al-káyl* > *alqueire*.

### 3.1.22. /r/ (Corriente 42-43 [Steiger não trata do /r/])

A vibrante alveolar sonora /r/ conserva-se geralmente nos arabismos. Em posição inicial é duplicada e passa a /r̄/ forte. A mesma coisa acontece às vezes com o /-r-/ intervocálico; esse só poucas vezes é mudado em /l/. Também o /r/ final mantém-se as mais das vezes, embora pareça passar a /l/ mais facilmente do que o /r/ intervocálico.

Inicial: ár. hisp. *rahán* > *refém*, *rízma* > *resma*, *rikba* > *rédua*. Intervocálico: /r/ > /r/: ár. hisp. *\*marás* > *baraço*, *al-ʿaríf* > ant. e bras. *alarife* [Aurélio, Figueiredo], *ṭarīḥa* > *tarefa*. /r/ > /r̄/:<sup>119</sup> *al-ġazāra* > *algazarra*, *ḥarūf* > *farroupo*, *maṭmūra* > *masmorra*. /-r-/ > /l/:<sup>120</sup> *qīrāt* > *quilate*, *al-kirāʿ* > *alquilé*, *az-zaʿrūra* > *azarola*. Geminação: /r̄/ > /r̄/: ár. vulg. *bārri* > *bairro*, *ġarrāfa* > *garrafa*, ár. hisp. *ar-rabād* > *arrabalde*. Final: /-r/ > /r/: ár. vulg. *az-záhr* > *azar*, *ʿánbar* > *âmbar*, *as-súkkar* > *açúcar*. /-r/ > /l/: *qinṭār* > *quintal*, *aš-šuwār* > *enxoval*, *al-wazír* > *aguazil*.

<sup>119</sup> Segundo Corriente 42 n. 50, "there is no consistency in the single or geminated reflexes of /r/ in loanwords exchanged by Spanish and Arabic." - Nos arabismos portugueses encontramos 63 palavras com /r/ intervocálico; dessas, somente sete demonstram geminação /r/ > /r̄/ (e pelo menos nalgumas palavras pode-se explicar por duplicação expressiva, como no citado *algazarra* ou em *alfarrábio* < ár. *al-Fārābī*); o caso inverso, porém, ocorre só uma vez: *al-ʿarrāda* > *algarada*, ao lado de *algarrada*.

<sup>120</sup> V. n. 118.

### 3.1.23. /w/ (Corriente 36, Steiger 291-297)

Ao /w/ arábigo correspondem nos arabismos essencialmente três sons: /w/, /v/ e /g/. Isto explica-se pela evolução do /w/ no ár. hisp., que se podia realizar como [w], [β] ou [ɣ].<sup>121</sup> Nalguns casos o /w/ desaparece. Nos étimos dos arabismos portugueses não ocorre o /w/ em posição inicial nem em posição final.

O /w/ conserva-se ou é vocalizado: ár. vulg. *sarāwil* > *ceroulas*, *badawī* > *beduim*, ár. hisp. *šuwáy* > *chué*, *falūwa* > *falua*. /w/ > [β] > /v/: *aš-šuwār* > *enxoval*, *aš-šāwīya* > *enxovia*, *al-karawān* > *alcaravão*. /w/ > [ɣ] > /g/: ár. hisp. *istawān* > *saguão*, ár. hisp. *ḥabbat al-ḥulūwa* > ant. *batafaluga* [DELP, s.v.], *al-wazīr* > *aguazil*.<sup>122</sup> Finalmente, o /w/ desaparece nas seguintes palavras: *ṣaḥrāwī* > *saloio*, *al-qawwād* > *alcaiote*.<sup>123</sup>

### 3.1.24. /y/ (Corriente 42, Steiger 298-304)

O /y/ conserva-se regularmente nos arabismos. Em posição intervocálica entre /i/ e /a/, o /y/ é absorvido pela vogal precedente. Não ocorre o /y/ nem inicial nem final.<sup>124</sup>

/y/ > /y/: *az-zaḡāya* > *azagaia*, *ʿafyūn* > ant. *anfião* [DELP, s.v. *ópio*], *az-ziyār* > *aziar*, *al-ḥayyāt* > *alfaiate*, *ṭáyyib* > ant. *taibo* [Steiger 303, 373]. /-īya/ > /-ia/:<sup>125</sup>

<sup>121</sup> Cf. Steiger 291: "En hispano-árabe la w bilabiovelar asilábica (semiconsonante) sufre diversas alteraciones. En posición inicial absoluta o intervocálica, su articulación suele desarrollar un elemento consonántico: los labios se acercan más entre sí y el postdorso de la lengua se aproxima más al velo del paladar, llegando a producirse una β velarizada o una γ labializada, según predomine la estrechez de los órganos en uno u otro punto; en ocasiones hasta se llega a la articulación oclusiva (Alcalá: w > gu). Precedida de consonante, la w no altera su carácter fricativo. La w final se vocaliza ordinariamente."

<sup>122</sup> Para variantes v. DELP, s.v. *aguazil*.

<sup>123</sup> Por uma forma intermediária \**al-qayyād* (v. Steiger 1948: 40 n. 2 e cf. Corriente 36 para /w/ ~ /y/ no ár.), perante a var. - hoje bras. - *alcagüete* [Aurélio].

<sup>124</sup> Há um só caso com /ay/ final: *chué*, v. 2.1.4.

<sup>125</sup> V. 2.1.2.

*al-kammūnīya* > *alcamonia*, ár. vulg. *balansīya* > *melancia*, *aš-šarbīya* > ant. *enxaravia*. Em três palavras o /y/ desaparece após ter palatalizado a consoante nasal precedente: *al-kúnya* > *alcunha*, *al-múnya* > *almuinha*, *as-sāniya* > *azinha*.

### 3.2. Grupos de consoantes

O árabe é uma língua que admite poucos grupos consonânticos (nisto assemelha-se, portanto, ao português). Assim, p.ex., no ár. cl. não existem grupos consonânticos no princípio da palavra, nem grupos de três consoantes. O ár. hisp. também tendia a evitar duas consoantes em posição final (Corriente 72).<sup>126</sup> Nos étimos dos arabismos analisados ocorrem, porém, muitos grupos de duas consoantes, que descreveremos, nos parágrafos seguintes, segundo a sua evolução, i.é, se são normalmente conservados ou desfeitos.

#### 3.2.1. Grupos consonantais normalmente conservados

Há um número bastante grande de grupos consonantais que se conservam regularmente nos arabismos. Esses grupos pertencem essencialmente a cinco tipos: (a) grupos constituídos por /n + C/, (b) grupos de /r + C/, (c) grupos de oclusiva ou /f/ + /r/, (d) o grupo /s+k/ e (e) os grupos formados pelo /l/ do artigo arábigo + consoante lunar.<sup>127</sup>

(a) Os grupos de /n/ + consoante conservam-se muito regularmente (para -ny- v. 3.1.20). São principalmente os seguintes: *nb* (sempre assimilado a *mb*), *nd*, *nğ*, e os menos correntes *nṭ*, *nk*, *ns*, *nš*: No português, esse /n/ nasaliza a vogal precedente e pode desaparecer, cf. [almó(n)dega], [laráža], etc. Assim: ‘*ánbar* > *ámbar*, *al-ʿanbīq* > *alambique*, ár. hisp. *zanbūğ* > *zambujo*; *al-búnduqa* > *almôndega*, *al-qandūra* > ant. *alcandora* [Steiger 156], *mandīl* > *mandil*; ár. hisp. *al-ḥánğal* > *alfange*, ár. vulg. *baranğála* > *beringela*, *nāránğa* > *laranja*; *qinṭār* > *quintal*, *al-qánṭara* > *alcântara*,

<sup>126</sup> Note-se que o português também não admite a sequência /-VCC#/.  
<sup>127</sup> V. n. 136.

*tinkār* > *tincal*, ár. hisp. \**tamánk* > *tamanco*, ár. vulg. *balansiya* > *melancia*, ár. vulg. *al-manšár* > dial. *almanxar*.

(b) Regra geral, também os grupos de /r/ + consoante mantêm-se nos arabismos, embora haja algumas excepções. Ocorrem sobretudo os grupos *rk*, *rq*, *rb*, *rd* (*rđ*), *rt* (*rṭ*), *rğ* e alguns outros. P.ex.:

<i>al-bírka</i> > <i>alverca</i>	(az-) <i>zarqûn</i> > (a) <i>zarcão</i>
<i>turkî</i> > <i>turqui</i>	ár. vulg. <i>zárqa</i> > <i>zarco</i>
ár. hisp. <i>aš-šúrka</i> > <i>axorca</i>	<i>aš-šárq</i> > <i>enxerca</i>

Contrariamente ao que acontece com -rk-, no grupo -rq- o /q/ é sonorizado em duas palavras; outras duas vezes o grupo -rq- é destruído: *ad-dárqa* > *adarga*, *al-qírq* > *alguergie*, ár. vulg. *zarqaṭūna* > *zaragatoa*, *al-birquq* > *albricoque*.

De maneira parecida, -rb- mantêm-se como -rb- e -rv- em quatro palavras, enquanto duas vezes aparece desfeito por anaptixe: ár. vulg. *turbíd* > *turbito* [Figueiredo], *ad-dárb* > *adarve*, *aš-šarbīya* > ant. *enxaravia*, ár. vulg. *zarbaṭāna* > *sarabatana*.

Os grupos *rd*, *rđ*, *rt*, *rṭ* e *rğ* (> *rž*) conservam-se regularmente (para *lāzūrd* v. 3.1.2): *aṭ-ṭúrda* > *açorda*, ár. magr. *al-bárda* > *albarda*, *al-árđ* > *alarde*, *al-mártak* > *almártaga*, *qarṭās* > *cartaz*, *al-márğ* > *almarge*, *al-ḥúrğ* > *alforje*, *turğumán* > *turgimão*.

(c) Os grupos de oclusiva + /r/ - *tr*, *ṭr*, *ḍr* - e /f/ + /r/ conservam-se sempre nos arabismos analisados. Em -ṭr- o /ṭ/ é sonorizado em duas palavras. Assim: ár. vulg. *atráqqa* > *atracar*, ár. vulg. *maṭráqa* > *matraca*, *al-qaṭrân* > *alcatrão*, ár. vulg. *al-maḍrāba* > *almadrava*. Com sonorização do /ṭ/: *aš-šaṭriya* > *enxadreia*, *šitránğ* > *xadrez*. /fr/: *šifr* > *cifra*, ár. hisp. *šifra* > *chifra*, *al-mafrāš* > *almofreixe*.

O grupo -br- mantêm-se duas vezes e duas vezes é desfeito: *hábra* > *febra*, ár. hisp. *aš-šibr* > *azebre*<sup>128</sup> mas: *al-kibrít* > ant. *alcrevite* [Steiger 340], ár. vulg. *mabrūma* > *maroma*. Os grupos -qr- e -ğr- ocorrem só uma vez cada um e

<sup>128</sup> Cf. 4.3.(b).

conservam-se: ár. vulg. *al-‘agráb* > *alacrau*, *al-mágra* > *al-magre*.

(d) O grupo *sk* mantém-se sempre: *al-mísk* > *almíscar*, *miskín* > *mesquinho*, ár. vulg. *kuskús* > *cuscu*, ár. vulg. \**iskebéğ* > *escabeche*.

(e) Os grupos formados pelo encontro do /l/ do artigo arábigo com consoante lunar mantêm-se geralmente (com excepção de /l/ + /ʾ/, ‘/, visto que estas duas consoantes caem regularmente, v. 3.1.6, 3.1.17). Assim p.ex.: /al-b-/ > /alb-, alv-/:<sup>129</sup> *al-būq* > *alboque*, *al-baḥār* > *albafar*, *al-burūk* > *alboroque*; *al-burūz* > *alvoroço*, *al-bayṭār* > *alveitar*, *al-bannā’* > *alvanel*. /al-k-, alq-/ > /alk-/:<sup>130</sup> *al-kirā’* > *alquilé*, ár. vulg. *al-kāfūr* > *alcanfor*, *al-kisā’* > ant. *alquicé* [Figueiredo]; *al-qúbba* > *alcova*, *al-qaṭīfa* > *alcatifa*, *al-qáws* > *alcouce*. /al-ğ-/ > /al(d)ž-/: *al-ğúbba* > *aljuba*, *al-ğāmi‘a* > *algema*, *al-ğáwhar* > *aljôfar*. /al-f-/ > /alf-/: *al-fānīd* > *alfenim*, *al-fitāt* > *alfitete*, ár. vulg. *al-farás* > *alfaraz*. /al-m-/ > /alm-/: *al-múdd* > *almude*, *al-manāra* > *almenara*, *al-máy‘a* > *almeia*.

### 3.2.2. Grupos consonantais geralmente desfeitos

Certos encontros consonantais, que se podem agrupar nos seis tipos seguintes, são normalmente desfeitos nos arabismos: (a) o grupo *ʔl*, (b) os grupos de /ʾ + C/, (c) os grupos *st*, *ʃt*, (d) grupos constituídos por /ḥ/, /ḥ/ ou /h/ + C, (e) os grupos *mr*, *sr*, *šr* e ‘r e (f) outros grupos mais raros. Quanto aos meios para desfazer esses grupos consonantais, encontram-se fundamentalmente três, a saber, a anaptixe,<sup>131</sup> a supressão duma das consoantes e a metátese (cf. 4.3).

<sup>129</sup> Parece que só se dá *al-b-* > *alv-* quando a sílaba começada pelo /b-/ é átona.

<sup>130</sup> Somente em ár. hisp. *al-quṭún* > *algodão* ocorre a sonorização do /q/.

<sup>131</sup> Cf. port. pop. *carapinteiro* < *carpinteiro* etc. (Mateus et al. 1983: 540).

(a) O grupo /ṭl/ é regularmente destruído por anaptixe: *ar-ráṭl* > *arrátel*, \**as-siṭl* > ant. *acéter* [Figueiredo], ár. hisp. \**al-muṭliya* > *almotolia*.

(b) Nos grupos constituídos por /ʾ/ + consoante, a *hamza* /ʾ/ cai como sempre (v. 3.1.6): *aḍ-ḍiʿb* > *adibe* [Figueiredo], *rabb aḍ-ḍáʿn* > *rabadão*, \**amīr al-muʿminīn* > *miralmuminim*.

(c) Os grupos /st/ e /ṣt/ dão /š/ nos arabismos.<sup>132</sup> No corpus ocorrem só três casos: *mustáʿrab* > *moçárabe*, ár. hisp. *istawān* > *saguão*, *al-máṣtakā* > *almécega*.

(d) Os grupos de /ḥ/, /ḥ/ ou /h/ + consoante são regularmente destruídos por supressão da primeira consoante ou por anaptixe. A única excepção é ár. magr. *al-muḥrāz* > *almofrez*. Supressão: *al-muḥfiya* > dial. *almofia*, ár. hisp. *al-maḥzán* > *armazém*, ár. hisp. *al-maḥrāṭa* > ant. *almarada* [Figueiredo], *ṣaḥrāwī* > *saloio*, ár. vulg. *al-muḥtasáb* > *almota-cé*, ár. hisp. *al-maḥšiya* > ant. *almexia* [Figueiredo], ár. vulg. *az-záhr* > *azar*, *raḥḡ al-ḡār* > *resalgar*, *tahlīl* > *talim*. Anaptixe: ár. vulg. *ṣáḥri* > *sáfaro*, *az-záḥma* > *azáfama*, *al-mihrās* > *almofariz*, *ṣaḥriḡ* > *chafariz*.

(e) Os grupos /mr/, /ṣr/ e /šr/ são regularmente desfeitos por epêntese: *al-ḥúmra* > *alfombra*, *zámr* > *zambra*, *támra* > *tâmara*;<sup>133</sup> *al-qáṣr* > *alcácer*, ár. vulg. *maṣrūqa* > *maçaroca*, ár. vulg. *al-mušríf* > *almoхарife*, ár. hisp. \**al-bišra* > *alvíssaras*. O encontro /ʿr/ é destruído pela supressão regular da primeira consoante (cf. 3.1.17): *mustáʿrab* > *moçárabe*, *az-zaʿrúra* > *azarola*, *šáʿra* > *xara*.

(f) Outros encontros consonantais, que geralmente ocorrem só uma vez no corpus, são destruídos por supressão da primeira consoante ou por anaptixe. Outro meio mais raro é a vocalização, como em *sabtī* > *ceartil* e *rikba* > *récuva* (ao lado da var. ant. *récova* [DELP, s.v. *récova*] com anaptixe).

<sup>132</sup> V. Steiger 141-142, Corriente 68 e Coromines 1977: 159-161.

<sup>133</sup> Cf. *ombro* < lat. UM(Ĕ)RUM.



Supressão: *taṭbīqa* > *tabica*, *maftūla* > *matula*, ár. hisp. *tašbīk* > *tabique*, ár. vulg. *al-fāšfaša* > *alfafa* (v. 4.2.(c)), ár. vulg. *al-masǧid* > ant. *almagid* [Steiger 186],<sup>134</sup> *al-máǧfar* > ant. *almafref* [Figueiredo]. E com supressão da segunda consoante: ár. hisp. *muṣḥáf* > ant. *moçafe* [Steiger 265]. Anaptixe: *an-núdba* > *anúduva*, *al-fítna* > *alfétena* [Steiger 128], *siǧn* > ant. *séjana* [Steiger 192],<sup>135</sup> *mamlúk* > *mameluco*, *miṭqāl* > ant. *metical*, ár. vulg. *al-qāšba* > *alcáçova*.

#### 4. Mudanças condicionadas e metaplasmos

##### 4.1. Assimilação (Corriente 67-70)

(a) No árabe o /l/ do artigo assimila-se às chamadas "consoantes solares", i.é, a /t, d, ṭ, ḍ, ṭ̣, ḍ̣, ṣ, s, z, ṣ, š, n, l, r/.<sup>136</sup> Assim temos, p.ex.: *at-tābūt* > *ataúde*, *ad-dúff* > *adufe*, *aṭ-ṭāhūna* > *atafona*, *aḍ-ḍiyāfa* > dial. *adiafa*, *aṭ-túrda* > *açorda*, *aḍ-ḍí'b* > *adibe* [Figueiredo], *as-súdd* > *açude*, *az-zāmila* > *azémola*, *aš-šā'ifa* > *aceifa* [DELP, s.v. *ceifa*], *aš-šuwār* > *enxoval*, *an-nīl* > *anil*, *al-liḥāf* > *alifa-fe* 'cobertor', *ar-rāṭl* > *arrátel*.<sup>137</sup>

(b) Nos arabismos portugueses há assimilação parcial do grupo -nb- (> mb: dental > bilabial) como em *ṭanbūr* > *tambor*, ár. vulg. *al-ḥanbál* > *alambel* (v. 3.2.1.(a)). Parecido

<sup>134</sup> V. 4.1.(b) e n. 139.

<sup>135</sup> V. n. 97.

<sup>136</sup> V. Steiger 374-376, Corriente 70. As consoantes solares chamam-se assim pela letra inicial da palavra *šams* 'sol', porque o /l/ se assimila ao /š/ (\**al-šams* > *aš-šams*). As restantes são as "consoantes lunares", que receberam seu nome da palavra *qamar* 'lua' (com artigo, *al-qamar*): /b, k, q, ʾ, ġ, f, h, ġ, ḥ, ʿ, h, m, w, y/.

<sup>137</sup> No ár. hisp. essa assimilação deu-se também com o /ǧ/, p.ex. no ár. hisp. *la ġími* (PALc. 31: Corriente 70) 'à igreja' perante o ár. cl. *ʾilā l-ġāmi*. Isto não se reflecte, porém, nos arabismos portugueses, cujos étimos têm sempre /al-ġ-/ (v. 3.2.1.(e)). Existem alguns arabismos espanhóis que demonstram a assimilação *al-ġ-* > *aġ-ġ-* do ár. hisp. como *ajonjolí* < \**aġ-ġunġulán* < *al-ġunġunlân*, v. Steiger 375-376, Corriente 70.

em ár. magr. *lámṭ* > *anta* (bilabial > dental).<sup>138</sup> Possivelmente houve assimilação da sonoridade nos seguintes vocábulos (cf. Corriente 53), nos quais a surda /q/ é sonorizada depois de consoante sonora: *ad-dárqa* > *adarga*, *al-qírq* > *alguergue*, *as-sílqa* > *acelga*, *al-hílqa* > dial. *alferga*, *fánqa* > *fanga*. O port. ant. *almagid* [Steiger 186] baseia-se numa forma assimilada já no ár. hisp., \**al-maǧíd* < *al-masǧíd*.<sup>139</sup> Finalmente, há alguns casos de assimilação de grupos finais, como *ǧíbs* > *giz*<sup>140</sup> e ár. magr. *as-sámn* > *acém*.

Demonstram assimilação à distância<sup>141</sup> *ṣiqāl* > *açacallar*,<sup>142</sup> *ḥabb ar-rá's* > ant. *fabarraz*, \**faparraz* > *paparraz* (Steiger 257 e n. 2) e ár. hisp. *al-ḥayrī* > *aleli*.

#### 4.2. Dissimilação (Corriente 70-71)

Nos arabismos é frequente sobretudo a dissimilação à distância.<sup>143</sup> Podemos distinguir três casos principais: a dissimilação de vogal pretónica, a dissimilação de consoantes e a dissimilação haplológica.

(a) Ocorre dissimilação da vogal pretónica nos seguintes vocábulos: *al-qaṭṭāra* > *alquitara*, *zabād* > *zibeta*, ár. hisp. *al-ǧabbāb* > *algibebe*, ár. vulg. *baranǧāla* > *beringela*, ár. vulg. \**ženēti* > *ginete*. Cf. também dial. *tinor* [DCEC, s.v. *atanor*] perante o ant. *atanor* [ibid.] < ár. *at-tannūr* e *tremoço* < ár. *turmūs*.

(b) Quanto à dissimilação de consoantes, o caso mais importante é aquele de dois /l-l/. Esta sequência ocorre em

<sup>138</sup> Cf. ár. hisp. *intilí* (PAlc. 409a) < ár. cl. *'imtilā* 'plenitude' (Steiger 111).

<sup>139</sup> V. Corriente 68 n. 97. Para *almagid* e var. v. também Lopes 1905: 246-258 e Lopes 1917: 867-878.

<sup>140</sup> Perante o valenciano *algeps*.

<sup>141</sup> Cf. Mateus et al. 1983: 539.

<sup>142</sup> V. 2.2.2.(a).

<sup>143</sup> A dissimilação em contacto parece ser muito mais rara. P.ex.: *mallūta* > *maṛlota*, *aš-šabbāk* > *enxambeque* [Aurélio] (ao lado de *xaveco*, cf. *tarima*, *tarimba* < ár. hisp. *tarīma* e dial. *zembel* < ár. magr. *zamel* [Wagner 1941: 603]); para *alvíssaras* v. n. 102.

27 palavras; em ll é conservada,<sup>144</sup> enquanto nos outros 16 é dissimilada. Assim temos dissimilação regressiva (l-l > r-l): *ḡilḡilān* > *gergelim* (Steiger 190), *al-ḡúlla* > *argola*, ár. vulg. *ḡilāl* > *xairel*; e dissimilação progressiva (l-l > l-r): *al-ḡúlba* > *alforba*, *al-káyI* > *alqueire*, ár. vulg. *al-kuhúl* > ant. *alcofor* [Steiger 263].

Também ocorre a eliminação do primeiro ou do segundo elemento: *ḡabbat al-ḡulúwa* > ant. *batafaluga* [DELP, s.v.], ár. hisp. *al-ḡánḡal* > *alfange*. Noutros casos, o segundo elemento da sequência /l-l/ é eliminado a favor da nasalização da vogal final, certamente influenciado pela desinência frequente -im:<sup>145</sup> *tahlíl* > *talim*, *al-fíl* > *alfim* [Steiger 178, 340] (ao lado de *alfil*), ár. magr. *‘azm al-fíl* > *marfim* (perante *almafí* e outras var. ant., v. DELP, s.v. *marfim*). Finalmente, em palavras que contêm a sequência /l-l-l/, o primeiro /l/ é conservado. O caso de ár. hisp. *al-‘iklíl* > *alecrim* pode agrupar-se com *talim*, etc., em *alfinete* temos dissimilação mais complicada: *al-ḡilāl* > [al-ḡilél] > *alfil-el* > *alfiled* > (x -ete) *alfinete* > *alfinete* (DCEC, s.v. *alfiler* n. 3).

Dissimilação de outras sequências: *al-ḡúfra* > *alfofre* [Aurélio] > *alfobre*<sup>146</sup> e talvez *ḡarúf* > *farroupo*; *az-za‘rúra* > *azarola*; *nārānḡa* > *laranja* (Steiger 173); ár. hisp. *ṭamānī* > *celamim*; *aš-šitṛánḡ* > (en)xadrez, ant. *acedrenche* (Steiger 194).

(c) Temos dissimilação haplológica nos seguintes arabismos (cf. Corriente 71): *ad-dallāl* > *adelo* e *ad-dallāla* > *adela* [Steiger 177 n. 2], ár. hisp. *az-zufáyza* > *açofeifa*, ár. vulg. *al-fáṣfaṣa* > *alfafa*, *‘amīr al-mu‘minīn* > *miramolim* (ao lado de *miralmuminim*).

<sup>144</sup> P.ex.: *al-ḡálwa* > *alféloa*, *al-ḡaṣíl* > *alcacel*, *al-ḡabāla* > *alcavala*, *al-ḡāliya* > *algália*, *al-muṣállā* > *almocela*.

<sup>145</sup> Cf. *alecrim*, *alfenim*, *beduim*, *celamim*, *gergelim*, *miralmuminim*, *xarafim*, *zequim*, etc.

<sup>146</sup> Caso contrário é *al-ḡúlba* > *alforba* e *alforfa*.

### 4.3. Metátese (Corriente 71-72)

Não raras vezes os arabismos portugueses demonstram a troca de lugar de sons. Quatro tipos sobressaem: (a) a metátese simples de um /i/ para a sílaba tónica, (b) a metátese do grupo /CVC/ átono, (c) a metátese à distância (especialmente frequente com /r/) e (d) a metátese recíproca.

(a) Temos metátese simples de um /i/ para a sílaba tónica nas palavras seguintes:<sup>147</sup> ár. vulg. *bárrī* > *bairro*, ár. vulg. *sannāriya* > \**sannoria* > *cenoira*, *zāniya* > dial. *zoina*.

(b) O grupo átono /C<sub>1</sub>VC<sub>2</sub>/ apresenta duas soluções, uma mais popular com metátese (> C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V) e outra mais culta sem metátese. Os dois tipos dão-se tanto em posição átona final como em posição pretónica. Em posição átona final, além das palavras *adarme*, *alambre*, *aljorce* e o ant. *almafre* [Figueiredo] (mencionadas em 2.2.1.(b)2): ár. vulg. *al-nušátar* > ant. *almoxatre*, ár. hisp. *al-mukáffir* > *almocafre* e talvez ár. hisp. *aṣ-ṣíbar* > *azebre* (cf. Corriente 1980: 120). E da mesma maneira *al-ğáwhar* > *aljofre* ao lado de *aljôfar*, *as-súkkar* > pop. *açucres* [DCEC, s.v. *laca*] ao lado de *açúcar* e *lacre* ao lado de *lácar* (< *laca* < ár. *lákka*?).<sup>148</sup> Em posição pretónica temos *al-birquq* > *albricoque*, *turmús* > *tremoço* e *turğumân* > *trugimão* ao lado de *turgimão*.

(c) A metátese à distância é particularmente frequente com /r/, que parece transpor-se com preferência para o início da palavra. P.ex.: *al-zarnîḥ* > ant. *arzenefe* [Figueiredo], *al-kibrît* > ant. *alcrevite* [Steiger 340], *al-ḥáğar* > *alfarja*. Outros casos: ár. hisp. *al-ḥaršúfa* > *alcachofra*, ár. hisp. *al-qarrâṭ* > ant. e dial. *alcarrada* [DCEC, s.v. *ar-racada*] > *arrecada*, *al-murákkib* (x *al-mukârî*) > \**almorequeve*

<sup>147</sup> É o mesmo tipo que ocorre em *eira* < lat. *ĀREA*, *-eiro* < lat. *-ĀRIUS* e no port. pop. *áuga* < *água*, *contrairo* < *contrário* (v. Mateus et al. 1983: 541).

<sup>148</sup> V. DCEC, s.v. *laca*, DELP, s.vv. *laca*, *lácar*.

> *almoquévere* > *almocreve*.<sup>149</sup> Com /l/: *ad-difla* > *adelfa*, *bâtil* > *balde*.

(d) Finalmente há metátese recíproca nos seguintes vocábulos:<sup>150</sup> *qafiz* > ant. *cafiz* (\**cafiço*) > *cacifo*, *ṣahrīḡ* > *zafariche* > *chafariz* (Steiger 167 e n. 1), *ṭabbāqa* > *távega*, *tádega* > *tágeda*.<sup>151</sup> Em *al-ḡarbāl* > *alvarral* a metátese deve ter-se dado já no ár. vulg.: \**al-bargāl*, donde, com assimilação -rḡ- > -rr-, a forma portuguesa.<sup>152</sup>

#### 4.4. Acréscimo de fonemas

Na passagem das palavras arábicas para o português aparecem muitas vezes fonemas adicionais que garantem a adaptação dessas palavras ao sistema fonológico do português. Dois factores influem neste processo: a classe e a estrutura da palavra.

(a) A prótese de um /a/ ocorre regularmente nos verbos - que também recebem a desinência -ar - e nalgum outro caso isolado:<sup>153</sup> *ṣiqāl* > *açacalar*, *ḥálaqa* > *afagar*, ár. hisp. *ṭarrāqa* > *atarracar*; ár. marr. *kummīya* > *agomia*.

(b) No interior da palavra podemos distinguir cinco casos. 1. O aparecimento de uma vogal epentética para desfazer um hiato: *al-qaṭī'a* > ant. *alcatêa* > *alcateia*, *al-waṣīya* > ant. *albacea* > ant. *albaceia* [DELP, s.v.], *ṭayfūrīya* > ant. *taforea* > *taforeia*.<sup>154</sup> 2. O aparecimento de uma vogal para desfazer um grupo consonantal (anaptixe: v. 3.2.2).

<sup>149</sup> V. DCEC, s.v. *almocrebe*, Kiesler 1992a n.º 180.

<sup>150</sup> Cf. *tanchagem* < port. ant. *chantagem* < lat. PLANTAGĪNEM.

<sup>151</sup> Para a alternância -v- ~ -d- cf. *alfávega*, *alfádega* (*alfádiga*) < ár. *al-ḥábaqa* (ao lado de ár. hisp. *al-ḥabáqa* > *alfavaca*).

<sup>152</sup> Cf. Kiesler 1992a n.º 77.

<sup>153</sup> Não podemos entrar aqui na discussão do problema da aglutinação do artigo arábigo *al-* (com as var. *at-*, *ad-*, *as-* etc., cf. 4.1.(a)); remetemos o leitor para a respectiva literatura, especialmente para Wartburg 1931: 141-143, Kuen 1950: 401-402 n. 49, Lüdtke 1965, Solà-Solé 1967, Sgroi 1983 e 1986: 60-105 e - para o espanhol e o catalão - Bramon 1987.

<sup>154</sup> Para o /g/ de *almêitiga* v. 3.1.17.

3. A epêntese de um /r/ é especialmente frequente.<sup>155</sup>  
 \**al-dábba* > *aldraba*, *aldrava*, *al-qādūs* > *alcatruz*, *al-ʾisās*  
 > *alicerce*, *al-fās* > *alferça*, *alferce* (ao lado de *alfeça*,  
*alfece*), *al-misk* > *almiscar* (no fim da palavra), ár. hisp.  
 \*ʾ*ispināḥ* > *espinafre*, (as-) *summāq* > *açumagre* [Aurélio],  
*sumagre*, *qafíz* > *cacifre*, *cacifro* (ao lado de *cacifo*), *az-*  
*zaġāya* > port. *azagaia* > *arzegaiia*. Nas palavras que começam  
 por *al-*, essa epêntese deve-se ao que Corominas chama "re-  
 percussão de líquidas" (v. DCEC, s.vv. *almizcle*, *alpende*).

4. Analogamente, ocorre algumas vezes a epêntese de uma  
 consoante nasal por influência de outra nasal precedente:  
 (*al-*) *maġarra* > *almanjarra* [Figueiredo] (ao lado de *almajar-*  
*ra*), *manjorra*,<sup>156</sup> *al-muġábbana* > ant. *almonjava* [Figueiredo]  
 (ao lado de *almojávena*). No fim de palavra: *al-fānīd* > *alfe-*  
*nim* (v. Steiger 346), *al-márġ* > *almargem* (ao lado de *almar-*  
*ge*). E ainda: ʾ*afyūn* > ant. *anfião* [DELP, s.v. *ópio*] e ár.  
 vulg. *al-kāfūr* > *alcanfor*. 5. Finalmente, há alguns casos de  
 epêntese de /b/ no grupo -mr- (v. 3.2.2.(e)).

(c) É em posição final da palavra onde a adição de fo-  
 nemas é mais frequente. Aqui podemos distinguir dois tipos:  
 O acréscimo de uma consoante após vogal final tónica e, mui-  
 to mais frequente ainda, o aparecimento de uma vogal de  
 apoio após consoante final.

1. O aparecimento de consoante após vogal final tónica  
 ocorre sobretudo em dois casos: nas palavras que em ár. ter-  
 minam em -āʾ (onde o *hamza* /ʾ/ cai regularmente no ár. vulg.  
 segundo 3.1.6) e nas palavras em -ī (nisba, cf. 2.1.2). Como  
 consoante paragógica aparecem /r/, /l/ ou /m/, esta última  
 nasalizando a vogal:<sup>157</sup> *al-bannā(ʾ)* > ant. *alvanel*, *alvaner*  
 [DELP, s.v. *alvanel*], *al-kisā(ʾ)* > ant. *alquicel*, *alquicer*  
 ao lado de *alquicé* [Figueiredo], *al-kirā(ʾ)* > *alquiler* ao

<sup>155</sup> Cf. Corriente 71, Kiesler 1992a n.º 55, Lopes 1917: 861.

<sup>156</sup> V. Steiger 192: "nasalización de la vocal pretónica por influencia de la nasal anterior." Cf. port. pop. *exemplo* < *exemplo* (Mateus et al. 1983: 539).

<sup>157</sup> V. Wagner 1934: 238-242 e 1941: 608-609.

lado de *alquilé*; *ğadāmasī* > *guadamecil*, *guadamecim*, *guadameci*, *ğāzī* > dial. *gazil* (Wagner 1941: 608-609), *sabtī* > *ceitil*. Com nasalização da vogal tónica: *šarīfī* > *xarafim*, *badawī* > *beduim*, *sikkī* > *zequim* [Steiger 346], ár. hisp. *ṭamānī* > *celamim*.

2. Sendo o português uma língua que admite poucas consoantes finais - as escritas <r, l, s, x, z> - acrescenta muitíssimas vezes uma vogal paragógica nas adopções do árabe. Essa vogal pode ser uma daquelas que estão admitidas, no port. ant., em posição átona final, a saber, /a/, /o/ ou /e/.<sup>158</sup> Ora bem, nos arabismos a vogal paragógica mais frequente é /e/; o /o/ aparece poucas vezes e o /a/ é ainda mais raro.

Assim temos epítese de /e/ - que somente em poucas palavras alterna com /o/ - após as consoantes oclusivas /b, t, d, ṭ, ḍ, k, q/:

*ar-rúbḥ* > *arrobe*, *at-tūb* > *adobe*, *as-sikkāt* > *acicate*, *at-tābūt* > *ataúde*, *al-‘ūd* > *alaúde*, *as-súdd* > *açude*, *al-hayyāt* > *alfaiate*, *ar-ribāt* > *arrebate*, *arrebato*, ár. hisp. *ar-rabād* > *arrabaldé*, *al-‘árd* > *alarde*, *alardo*, *al-burūk* > *alboroque*, ár. hisp. *ṭašbīk* > *tabique*, *al-‘anbīq* > *alambique*, *al-birquq* > *albricoque*.

Após a africada /ğ/ e as fricativas /f, s, š, ḥ, ḥ/:

*al-ḥurğ* > *alforje*, *al-márğ* > *almarge*, ár. vulg. *al-mušrīf* > *almoxarife*, *ar-rašīf* > *arrecife* [Figueiredo], *al-qáws* > *alcouce*, *al-háss* > *alface*, ár. magr. *al-máys* > *almece*, *raḥīš* > *refece*, *al-mafrāš* > *almofreixe*, *al-fárš* > *alfarge*, *al-zarnīḥ* > ant. *arzenefe* [Figueiredo], *ṭabīḥ* > *tabefe*, ár. vulg. *al-qadáḥ* > *alcadafe*, ár. vulg. *an-nafáḥ* > *alifafe*.

E algumas vezes após /m, l, r/: *salhúm* > ant. *cerome* [Figueiredo], *al-ḥağğām* > *alfageme*, *al-káyḥ* > *alqueire*, *al-ḥáyr* > *alfeire*.<sup>159</sup>

Muito mais raro é o /o/ paragógico, que aparece, porém, regularmente nos adjectivos emprestados do ár.:<sup>160</sup> *ṭáyyib* > ant. *taibo* [Steiger 303, 373], *‘anáq* > *anaco* (Wagner 1934a:

<sup>158</sup> V. Teyssier 1982: 25.

<sup>159</sup> V. Wagner 1934a: 7-8.

<sup>160</sup> A única excepção é *refece* < ár. *raḥīš*.

20), *qadīm* > *cadimo*, *miskīn* > *mesquinho*, *sāḥim* > *zaino*. São poucos os substantivos com /o/ paragógico, como p.ex.: *ad-dallāl* > *adelo*, *al-burūz* > *alvoroço*, *turmūs* > *tremoço*, ár. vulg. *bārri* > *bairro*, *šabbāk* > *xaveco*.

A epítese de um /a/ ocorre regularmente nas palavras da estrutura /#CVCC#/ e nalguns outros casos: *šifr* > *cifra*, *siġn* > ant. *séjana* [Steiger 192], *lákka* > *laca*, *rúbt* > ant. *rolda* [Figueiredo], *zámra* > *zambra*. Nalguns casos pode-se explicar a adição de um /a/ por influência do género ou por analogia; assim *al-‘arūs* (feminino em ár.) > ant. *aloroça* 'noiva' [Steiger 358]; em ár. marr. *al-fándaq* > *alfândega* houve certamente adaptação ao esquema das proparoxítonas *al-márfega*, *anáfega*, *távega* ~ *tádega*, etc. (v. 2.2.1.(b) e 4.3.(d)). Outros casos: ár. hisp. *al-pargāt* > *alpargata*, *barrakán* > *barregana*, *raġāʿif* > *regueifa*.

#### 4.5. Queda de fonemas

Aqui trataremos brevemente da queda de vogais. Para a supressão de consoantes, como ár. vulg. *lāzūrd* > *azul*, *ḥattā* > *até*, etc., v. supra 3.

(a) Houve aférese da sílaba inicial nos seguintes vocábulos: *‘attābī* > *tabi*, ár. hisp. *ḥabbat al-ḥulūwa* > ant. *batafaluga* [DELP, s.v.], ár. magr. *‘azm al-fīl* > *marfim*.

É frequente a perda de um /a/ por deglutinação:<sup>161</sup> Diante de /l/: ár. vulg. *al-‘aqráb* > *alacrau* > *lacrau*, *al-‘ūd* > *alaúde* > *laúde*, *al-‘aqīqa* > ant. *alaqueca* > *laqueca*, *al-ġazīra* > ant. *alezira* > *lezíria*.

Esta deglutinação dá-se também diante de outras consoantes, mas parece ser especialmente corrente nas palavras em *arr-*:<sup>162</sup> *al-ġarrāfa* > ant. *algarrafa* > *garrafa*, *as-sílqa* > *acelga* > *celga*, *as-suṭáyḥa* > *açoteia* > *soteia*, ár. hisp. *az-zanbūġ* > *azambujo* > *zambujo*, *az-zarqūn* > *azarcão* > *zarcão*; ár. hisp. *ar-rahán* > *arrafé* > *refém*, *ar-rašíf* > *ar-*

<sup>161</sup> Não desconhecida nas palavras populares, cf. *batina* < *abatina* < lat. *ABBATINA*.

<sup>162</sup> Para *enx-* ~ *x-* v. 2.2.1.(a).



*recife* > *recife*, *ar-rahîṣ* > *arrefece* > *refece*, *ar-ríkba* > *arrécova* > *récu*a, *ar-ribât* > *arrebate* > *rebate*. Neste último caso houve diferenciação semântica parcial: *arrebate* 'movimento violento; ímpeto; assalto' e *rebate* 'sinal de alarme; ataque imprevisto; assalto; incursão; palpito; suspeita; desconfiança; anúncio; incitamento; estímulo' (DPE).

(b) Muito menos frequente nos arabismos portugueses é a síncope.<sup>163</sup> Ocorre algumas vezes a síncope de um /a/ átono, p.ex.: Em posição pretónica: *al-‘ağamīya* > *aljamia* (v. Steiger 281-282 n. 2), *az-za‘farân* > *açafrão*, *al-karawân* > *algarvão* e outras var. (v. DELP, s.v. *alcaravão*) ao lado de *alcaravão*, ár. hisp. *dār aṣ-ṣána‘* > ant. *tercena* [Figueiredo] ao lado do ant. *taracena*. Em posição postónica: *al-‘árab* > ant. *alárabe* > *alarbe*, *alarve*, *muḥāṭara* > *mofatra*. Cf. ainda *alborque* ao lado de *alboroque* < ár. *al-burūk*. Outras vezes há contracção ou desaparecimento depois da queda duma consoante intervocálica. Assim em ár. magr. *al-bárda‘a* > *albarda*, *al-ğāmi‘a* > *algema*, *nā‘ūra* > *nora*.

(c) Ainda mais rara é a apócope de vogal ou sílaba. O único exemplo é *almadra*, var. de *almadrava* < ár. vulg. *al-madrāba*.

5. Conclusão. Resumindo, podemos observar que na passagem das palavras arábicas para o português o acento mantém regularmente a sua posição. No vocalismo, o /a/ tónico é conservado na maioria dos casos e, enquanto a passagem /á/ > /é, ê/ é frequente, há relativamente poucas palavras que demonstram /á/ > /i/ e /á/ > /ó, ó/. O /í/ e o /ú/ tónicos são representados por /í, é, ê/ e /ú, ó, ó/, respectivamente, segundo o contexto. Das vogais átonas, o /a/ conserva-se na maioria dos vocábulos; com /i/ e /u/ átonos, as substituições por outra vogal - sobretudo /e/ e /o/ - são muito mais frequentes.

<sup>163</sup> Cf. 4.2.(c) para a dissimilação haplológica.

Quanto ao consonantismo, são poucas as consoantes que dão regularmente uma mesma resultante: /t, f, ð, š, ġ, m, n/, as duas últimas nasalizando a vogal precedente em posição final; pode-se acrescentar /ʾ/ e /ʿ/ que desaparecem regularmente. As outras consoantes apresentam, com maior ou menor regularidade, soluções diferentes. O /b/ é substituído sobretudo por /β/ e /v/, o /ð/ por /d/ e -ld-, o /t/ por /t/ e /š/. Ocorre o ensurdecimento de /b, d, ġ/ finais e a sonorização de /t, k, q/ (por /t/ e /q/ somente em posição medial ou final). O /z/ é tão raro que não podemos dizer se conhece um substituto regular.

As sibilantes /s/, /ṣ/ e /z/ são substituídas pelas africadas /š, ž/, /ḥ/ e /h/ por /f/, /k/ ou ø e /ḥ/ por /f/ ou ø. O /l/ conserva-se ou passa a /r/ ou ø; também o /r/ se conserva, em posição inicial e algumas vezes em posição intervocálica passa a /r̄/, em posição medial e final é às vezes trocado por /l/. O /w/ é substituído por /w/, /v/, /g/; o /y/ mantém-se ou é absorvido por um /i/ precedente.

As consoantes geminadas recebem o mesmo tratamento que as correspondentes consoantes simples e são geralmente simplificadas, com excepção de /-r̄-/ que se mantém regularmente. Os encontros consonantais podem agrupar-se em dois tipos: aqueles que se conservam e aqueles que são normalmente desfeitos.

Quanto às mudanças condicionadas e aos metaplasmos, parece que a dissimilação e a metátese são mais frequentes que a assimilação. O acréscimo de fonemas em posição final é muito mais frequente do que em posição inicial e medial. Ao contrário, a queda de fonemas ocorre sobretudo em posição inicial e muito menos em posição medial ou final. No interior da palavra é mais corrente o acréscimo - epêntese e anaptixe - do que a queda de fonemas.

Parece-me tarefa importante investigar as possíveis diferenças, na adaptação fonológica, entre os arabismos recebidos na Península e aqueles recebidos no Magrebe e no

Oriente, que permitirá uma descrição mais completa e adequada da influência arábica no vocabulário português. Para isso é necessário identificar as vias de penetração dos arabismos. Esperamos que o presente ensaio possa contribuir para alcançar este objectivo.

Würzburg, Março de 1992

Reinhard Kiesler

## Bibliografia

- Ali, M. Said. 1937. "Entre arabe e portuguez." *Revista de Cultura* 131-132 (Nov.º-Dez.º 1937). Pp. 293-303.
- Asín Palacios, Miguel. 1959. *Crestomatía de árabe literal con glosario y elementos de gramática*. Edición corregida. Madrid: Maestre.
- Aurélio = Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 1975. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bramon, Dolors. 1987. "Aglutinación y deglutinación del artículo en los arabismos del castellano y del catalán." *Vox Romanica* 46. Pp. 138-179.
- Coromines, Joan. 1977. "Mots catalans d'origen aràbic." In: Id. *Entre dos llenguatges*. Vol. III. Barcelona: Curial. Pp. 68-177.
- Corriente = Corriente, Federico. 1977. *A Grammatical Sketch of The Spanish Arabic Dialect Bundle*. With a prologue by Emilio García Gómez. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura.
- Corriente, Federico. 1978. "Los fonemas /p/, /č/ y /g/ en árabe hispánico." *Vox Romanica* 37. Pp. 214-218.
- Corriente, Federico. 1980. "Apostillas de lexicografía hispano-árabe." In: *Actas de las II Jornadas de Cultura Árabe e Islámica (1980)*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura 1985. Pp. 119-162.
- Corriente, Federico. 1986. *Introducción a la gramática y textos árabes*. Madrid: Coloquio.
- DCEC = Corominas, Joan, e José A. Pascual. 1980-1991. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 6 vols. Madrid: Gredos.
- DE = Dozy, Reinhart, e W.H. Engelmann. 2 1869. *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. Leiden. Reimpresão Amsterdam: Oriental Press 1965.
- DELP = Machado, José Pedro. 4 1987 [1 1952]. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados). 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- Dozy I, II = Dozy, Reinhart. 1881. *Supplément aux dictionnaires arabes*. 2 vols. Leiden: Brill. Reimpresão Beyrouth: Librairie du Liban 1968.
- DPE = Costa, J. Almeida, e A. Sampaio e Melo (eds.). 6 1987 [1 1952]. *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.

- Figueiredo = Cândido de Figueiredo. 131981. *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Bertrand.
- García Gómez, Emilio. 1977. "Paremiología y filología: Sobre 'zahar' y 'zahareño'." *Al-Andalus* 42. Pp. 391-408.
- Giese, Wilhelm. 1964. "Zu sp. -ld- anstelle von arab. *dād*." *Zeitschrift für Romanische Philologie* 80. Pp. 356-361.
- Grossmann, Maria. 1969. "La adaptación de los fonemas árabes al sistema fonológico del romance." *Revue Roumaine de Linguistique* 14. Pp. 51-64.
- Hilty, Gerold. 1983. "Portugais *alqueive*, sicilien *galibbu*." In: Paola Benincà et al. (eds.). *Scritti linguistici in onore di Giovan Battista Pellegrini*. Vol. 2. Pisa: Pacini. Pp. 1265-1275.
- Kahane, Henry e Renée. 1973. "On Venetian Byzantinisms." *Romance Philology* 27 (1973-1974). Pp. 356-367.
- Kiesler, Reinhard. 1992. "Zur Phonetik der katalanischen Arabismen." *Aparecerá na Zeitschrift für Katalanistik* 6.
- Kiesler, Reinhard. [1992a]. *Kleines vergleichendes etymologisches Wörterbuch der Arabismen in den iberoromanischen Sprachen Portugiesisch, Spanisch, Katalanisch und im Italienischen*. *Aparecerá em breve*.
- Kuen, Heinrich. 1950. "Die sprachlichen Verhältnisse auf der Pyrenäenhalbinsel." In: Id. *Romanistische Aufsätze*. Nürnberg: Carl 1970. Pp. 376-407.
- Lopes, David. 1905. "Trois faits de phonétique historique arabico-hispanique." In: *Actes du XIV<sup>e</sup> Congrès International des Orientalistes (Alger 1905)*. Vol. III, 1: *Langues musulmanes*. Paris: Leroux 1907. Pp. 242-261.
- Lopes, David. 1917. "Cousas arábigo-portuguesas. Algumas etimologias." *Boletim da Segunda Classe* (Academia das Ciências de Lisboa) 10. Pp. 861-883.
- Lüdtke, Helmut. 1965. "El beréber y la lingüística románica." In: Antonio Quilis (ed.). *Actas del XI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas (1965)*. Vol. II. Madrid: CSIC 1968. Pp. 467-471.
- Mateus, Maria Helena Mira, et al. 1983. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- PAlc. = Pedro de Alcalá, *Arte para ligeramente saber la lengua aráviga e Vocabulista arávigo en lengua castellana* 1505. Ed. Paul de Lagarde, *Petri Hispani de lingua arabica libri duo*. Göttingen: Hoyer 1883. Reimpressão Os-nabrück: Zeller 1971.

- Sgroi, Salvatore Claudio. 1983. "Agglutination et déglutination de l'article arabe dans les arabismes espagnols et siciliens." In: *Actes du XVII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes (Aix-en-Provence 1983)*. Vol. VII. Aix-en-Provence: Université de Provence 1985. Pp. 143-151.
- Sgroi, Salvatore Claudio. 1986. *Interferenze fonologiche, morfo-sintattiche e lessicali fra l'arabo e il siciliano*. Palermo: Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani.
- Solà-Solé, J.M. 1967. "El artículo al- en los arabismos del iberorrománico." *Romance Philology* 21 (1967-1968). Pp. 275-285.
- Steiger = Steiger, Arnald. 1932. *Contribución a la fonética del hispano-árabe y de los arabismos en el Ibero-románico y el Siciliano*. Madrid: Hernando. (Revista de Filología Española, Anejo XVII).
- Steiger, Arnald. 1948. "Aufmarschstraßen des morgenländischen Sprachgutes." *Vox Romanica* 10 (1948-1949). Pp. 1-62. [Tradução inglesa *Origin and Spread of Oriental Words in European Languages*, New York: Vanni 1963].
- Teyssier, Paul. 1982. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa. Trad. de Celso Cunha.
- Voc. = *Vocabulista in Arabico*. Publicato per la prima volta sopra un codice della Biblioteca Riccardiana di Firenze da C. Schiaparelli. Firenze: Le Monnier 1871.
- Wagner, Max Leopold. 1934. "Etimologías españolas y arábigo-hispánicas." *Revista de Filología Española* 21. Pp. 225-247.
- Wagner, Max Leopold. 1934a. *Sôbre alguns arabismos do português*. Coimbra: Coimbra Editora. Separata da *Biblos*, vol. 10.
- Wagner, Max Leopold. 1941. "Aditamentos às Nótulas sôbre alguns arabismos do português." *Biblos* 17. Pp. 601-612.
- Wartburg, Walther von. 1931. "Grundfragen der etymologischen Forschung." In: R. Schmitt (ed.). *Etymologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft 1977. Pp. 135-155.